

# **O Festival WOOL e o Impacto da Arte Urbana na Covilhã**

**Gisela Filipa Silveira Pereira (M8451)**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Estudos de Cultura**  
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Catarina Isabel Grácio de Moura

**junho de 2020**



## **Dedicatória**

Dedico este projeto a todos aqueles que sempre estiveram do meu lado e que acreditaram mais do que eu mesma que este dia iria chegar. Eles sabem quem são, pelo que não escrevo nomes — escrevo memórias e escrevo-as com o coração.



# Agradecimentos

Tal como num palco, também um projeto, seja ele de pesquisa ou de outra qualquer tipologia, tem os seus bastidores. Foi precisamente nesses bastidores que encontrei os estímulos intelectuais, emocionais e racionais necessários para a elaboração desta investigação. Agradeço a todos os que, de uma ou outra forma, se disponibilizaram para apoiar a concretização deste percurso, nomeadamente aos meus pais e irmão, por todo o apoio e incentivo que me deram; ao Pedro por estar sempre lá, insistindo para que perseverasse, nunca baixasse os braços e fosse à luta; à professora e orientadora Catarina Moura, pelo seu estímulo e disponibilidade; à minha colega e amiga de curso, Inês Charro, pela prontidão e entreatura — “o que a UBI juntou nunca mais ninguém separa”; e, finalmente, agradeço a todos os inquiridos, parceiros e testemunhos obtidos, pois foram fulcrais para a realização e validação desta investigação.



## Resumo

Ao longo da última década, temos vindo a observar o emergir de uma nova forma de Cultura, que conhecemos como Arte Urbana e que, na Covilhã, teve como ponto de partida e grande impulsionador o *WOOL* – Festival de Arte Urbana. A relevância deste fenómeno para a cidade e para a região, impulsionando uma nova forma de turismo e gerando um modelo que outras localidades têm vindo a replicar, deu o mote à realização desta dissertação, igualmente inspirada pelo valor destas obras e pelo modo como, na Covilhã, têm conseguido cativar a população e tornar-se fonte de empatia e orgulho.

Enquanto objeto de Turismo Cultural, a Arte Urbana tem vindo a assumir um protagonismo crescente, tanto nos grandes centros urbanos como nas pequenas localidades, nacional e internacionalmente. Uma das suas principais características consiste no modo como os artistas se apropriam de espaços degradados para lhes devolver, com as suas obras, uma dignidade perdida, capaz de cativar não apenas os habitantes locais, mas também muitos turistas que assumem, hoje e cada vez com maior frequência, os roteiros de Arte Urbana como principal motivação das suas visitas. Sendo, no entanto, uma temática recente e pouco estudada, nomeadamente o fenómeno covilhanense e as suas respetivas consequências para a comunidade, a sua escolha como objeto de análise e investigação adquire particular pertinência no âmbito de um Mestrado em Estudos de Cultura — pois é precisamente como forma de Cultura que este estudo se propõe enquadrar a Arte Urbana, procurando compreender o impacto do Festival *WOOL* como promotor de Cultura e de Turismo na *Cidade Neve*.

## Palavras-chave

Arte Urbana; Festival *WOOL*; Covilhã; Turismo Cultural.



# Abstract

Throughout the last decade, we have been watching the emergence of a new form of Culture, which we have come to know as Urban Art. In Covilhã, its biggest promoter has been the Festival of Urban Art *WOOL*. The relevance of this phenomenon to the town and to the region, incentivizing a new type of tourism and generating a model which has already been replicated by other small towns and villages, inspired this dissertation, also motivated by the value of these works and the way they have been able to captivate Covilhã's population, becoming a source of empathy and pride.

As an object of Cultural Tourism, Urban Art has been conquering a growing protagonism, both in big urban centres and in smaller places, nationally and internationally. One of its main characteristics is the way artists take hold of degraded areas and, through their work, manage to recover a lost dignity, able to captivate not only the locals, but also many tourists who, more often than ever, elect Urban Art as the main motivation of their visits.

Because this is still a recent thematic and has not yet been object of much research, particularly the case of Covilhã's phenomenon and its consequences to the surrounding community, choosing it as an object of study acquires a particular relevance within a Master on Studies of Culture – since it is precisely as a form of Culture that this analysis intends to frame Urban Art, aiming to understand the impact of *WOOL* Festival as a promotor of Culture and Tourism in the *City of Snow*.

# Keywords

Urban Art; *WOOL* Festival; Covilhã; Cultural Tourism.



# Índice

Resumo	vii
Abstract	ix
Lista de Figuras	xiii
Lista de Gráficos	xv
Lista de Acrónimos	xvii
Introdução	1
Capítulo 1. Arte, Cultura e Turismo	7
1.1 Arte Urbana: da compreensão à valorização	7
1.1.1 Como compreendemos, definimos e valorizamos a Arte	7
1.1.2 Arte Urbana: ambiguidade e enquadramento	9
1.1.2.1 <i>Graffiti</i> : uma <i>linguagem de rua</i>	10
1.1.2.2 A missão social da arte	12
1.2 Cultura e Turismo	14
1.2.1 Em busca de uma definição de Cultura	14
1.2.2 A relação entre Cultura e Turismo	15
1.2.3 Turismo, sustentabilidade e desenvolvimento local	17
1.3 A Covilhã como contexto	19
1.3.1 A cidade e o seu centro histórico	19
1.3.2 O património do centro histórico covilhanense	20
1.3.3 A atualidade do centro histórico e a sua utilização	22
Capítulo 2. O WOOL como objeto de estudo	29
2.1 História e caracterização do WOOL	29
2.2 Os artistas e as suas obras	32
2.3 A outra face do WOOL	47
Capítulo 3. Análise de dados e resultados	51
3.1 Análise dos dados recolhidos mediante a aplicação de Inquéritos	51
3.2 Análise das Entrevistas realizadas a representantes do comércio local	58
3.3 Análise das Entrevistas realizadas aos fundadores do WOOL e à Vereadora da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã	60
Conclusão	63
Referências bibliográficas	67
Anexos	71



# Lista de Figuras

Figura 1	Imagem via satélite com a zona histórica da Covilhã delimitada a vermelho
Figura 2	Fotografia do Miradouro Portas do Sol
Figura 3	Igreja de Santa Maria do Castelo
Figura 4	Muralhas do Castelo da Covilhã
Figura 5	Roteiro de Arte Urbana
Figura 6	Rota Arte Nova
Figura 7	Janelas de estilo manuelino presentes nas ruas da Covilhã
Figura 8	Caminhos de Santiago
Figura 9	Fotografia captada no Festival da Cherovia (2017)
Figura 10	Mural da autoria de ARM Collective
Figura 11	Rosto humano
Figura 12	Retrato do pastor
Figura 13	Homenagem aos ex-trabalhadores dos lanifícios
Figura 14	Obra de KRAM sobre o temível monstro da Covilhã
Figura 15	“Oddments”
Figura 16	Olhos de coruja
Figura 17	Portugal pelas costuras
Figura 18	Órfão Selvagem
Figura 19	Conjunto de fotografias das obras realizadas pelo coletivo ±MaisMenos±
Figura 20	Andorinhões da Covilhã
Figura 21	Sr. Viseu
Figura 22	O pastor de Gijs Vanhee
Figura 23	Fio Condutor
Figura 24	“Arrebatamento”, situado na Rua dos Bombeiros
Figura 25	“Indigofera tictonia mais rubia tinctorium”
Figura 26	“Cidade Flor” + “Em ti mora o meu amor” + “Amor”
Figura 27	Coração
Figura 28	Obra de Pastel
Figura 29	Obra realizada em 2017, em homenagem ao trabalho dos bombeiros nos incêndios de Pedrogão Grande
Figura 30	Matriz
Figura 31	Homenagem a Ernesto Melo e Castro
Figura 32	Hoy es el futuro
Figura 33	O Observatório
Figura 34	Vista para a Serra da Estrela
Figura 35	Fonte das três bicas
Figura 36	Obras de pequena escala de Btoy
Figura 37	Obras de pequena escala da autoria do coletivo ±MaisMenos±
Figura 38	Projeto LATA 65
Figura 39	Workshop de ilustração na Escola Secundária Campos Melo
Figura 40	Colagem criativa com Margarida Girão numa escola



# Lista de Gráficos

Gráfico 1	Distribuição dos inquiridos por género
Gráfico 2	Distribuição dos inquiridos por faixa etária
Gráfico 3	Distribuição dos inquiridos por zona de residência
Gráfico 4	Sabe o que é a Arte Urbana?
Gráfico 5	A Arte Urbana tem impacto na cidade da Covilhã?
Gráfico 6	A população do centro da cidade alterou-se após a introdução progressiva das obras de Arte Urbana, a partir de 2011?
Gráfico 7	Conhece o Festival de Arte Urbana WOOL?
Gráfico 8	Já fez o roteiro de Arte Urbana da Covilhã?
Gráfico 9	Considera que a realização deste Festival foi uma boa aposta?
Gráfico 10	A Covilhã está bem desenvolvida a nível cultural?
Gráfico 11	Há mais gente a passear atualmente pelo centro da cidade?



# Lista de Acrónimos

CMC	Câmara Municipal da Covilhã
DGArtes	Direção Geral das Artes
EUA	Estados Unidos da América
MEC	Mestrado em Estudos de Cultura
OMT	Organização Mundial do Turismo
PENT	Plano Estratégico Nacional de Turismo
UBI	Universidade da Beira Interior



“Cultura não é o que entra  
pelos olhos e ouvidos,  
mas o que modifica o jeito  
de olhar e ouvir.”

**Edelzia Oliveira**

## Introdução

A Arte Urbana define um conjunto de práticas artísticas que têm o facto de serem executadas e expostas na rua como elo comum. Recorrendo a uma ampla diversidade de técnicas e opções estilísticas, estão disponíveis gratuitamente para benefício e usufruto da população em geral, gerando assim novos públicos, voluntários e involuntários, para a arte.

Algumas das principais características da Arte Urbana, que privilegia a criação de instalações de distintas dimensões (frequentemente em grande escala), incluem a escolha de superfícies (muros, paredes, fachadas de casas ou prédios, entre outras) degradadas, bem como a exploração de temas relacionados com a história e as tradições da localidade em que é criada a obra. Este aspeto potencia uma maior empatia e sentimento de identificação por parte da população local, permitindo que estas obras sejam, em geral, bem recebidas e interpretadas como um contributo positivo, ao invés de serem vistas como vandalismo ou apropriação indevida. O tipo de obras criadas favorece esta perceção, pois por norma o seu carácter figurativo e representativo recupera a noção de um *saber fazer* que, em geral, a maioria da população associa ainda ao que a arte “*deve(ria) ser*”.

Na Covilhã, o Festival de Arte Urbana WOOL tem vindo a ser responsável, desde 2011 (data da sua primeira edição), por uma notória e acentuada alteração do centro histórico da cidade. Atualmente, a zona antiga é uma galeria a céu aberto, exibindo múltiplas obras e permitindo a criação de um Roteiro que muitos turistas procuram conscientemente quando vêm à (ou passam pela) localidade. O interesse suscitado por este conjunto de obras — que começa paulatinamente a expandir-se para outros espaços da cidade, assumindo cada vez maior protagonismo entre as características visuais atribuídas à Covilhã — começa, pouco a pouco, a gerar entre as várias entidades, instituições e negócios locais uma nova consciência sobre o seu valor cultural e potencial turístico, embora ainda de forma pouco expressiva.

Compreender este fenómeno e o seu impacto transformou-se, por isso, na principal motivação desta dissertação, ditando não só os parâmetros da investigação proposta, mas também os seus objetivos.

## **Objetivos gerais e específicos**

Assumindo como ponto de partida o panorama atual da Arte Urbana na Covilhã, esta investigação tem como objetivos gerais, por um lado, avaliar o impacto que este tipo de arte tem tido na sua população e, por outro lado, apurar de que modo tem influenciado e se tem refletido no turismo local. Esta análise cruza-se, com naturalidade, com a necessidade de compreender o Festival de Arte Urbana WOOL, averiguando não apenas as motivações que estiveram na sua origem, mas também as condições da sua evolução e relação com a cidade ao longo dos anos.

Os objetivos gerais deste estudo determinam, inevitavelmente, os objetivos específicos que o motivam, do mesmo modo que estes se revelam fundamentais para viabilizar os primeiros. Do conjunto de objetivos específicos que a presente investigação tem em mente perseguir, destacam-se os seguintes:

- Definir o conceito de Arte e, mais especificamente, de Arte Urbana;
- Definir o conceito de Cultura;
- Compreender de que modo a Cultura e o Turismo podem relacionar-se e condicionar-se mutuamente;
- Caracterizar o Festival de Arte Urbana WOOL e apurar o nível do seu impacto na Covilhã, nomeadamente através da realização de Inquéritos por Questionário e de Entrevistas;
- Compreender a importância deste evento e o seu contributo para a promoção de um novo tipo de turismo, complementar ao já existente na cidade e na região da Serra da Estrela;
- Apurar o que a presença da Arte Urbana significa, no presente, para a Covilhã, bem como o que pode vir a traduzir no futuro.

## **Questões e hipóteses de partida**

A investigação proposta foi enquadrada por uma questão de base: a presença do Festival de Arte Urbana WOOL na Covilhã e das obras entretanto criadas motivou, ao longo dos últimos 9 anos, alguma alteração na quantidade e no tipo de turismo tipicamente registados na cidade?

Colocar esta questão conduz a um conjunto de hipóteses a explorar, intrinsecamente relacionadas entre si:

- A Arte Urbana teve impacto, ao longo dos últimos 9 anos, no número e no tipo de turistas recebidos na cidade da Covilhã;
- A Arte Urbana não teve impacto, ao longo dos últimos 9 anos, no número e no tipo de turistas recebidos na cidade da Covilhã;
- Entidades, instituições e comércio locais reconhecem o valor do WOOL e da Arte Urbana e têm potenciado a sua mais-valia como capital cultural e incentivo ao turismo na cidade;
- Entidades, instituições e comércio locais reconhecem o valor do WOOL e da Arte

- Urbana, mas não têm realizado esforços concertados para rentabilizar a sua mais-valia como capital cultural e incentivo ao turismo na cidade;
- O WOOL e a Arte Urbana não são reconhecidos por entidades, instituições e comércio locais como capital cultural e incentivo ao turismo na cidade.

## **Metodologia**

Na perspetiva de autores como Gil (1989) ou Marconi & Lakatos (2003), o método científico pode ser caracterizado como um conjunto de procedimentos sistemáticos, que permitem ao investigador perseguir e alcançar os objetivos a que se propõe com determinada investigação. O que diferencia o conhecimento científico dos demais tipos de conhecimento é o facto de ter como característica fundamental a sua verificabilidade (Gil, 1989), dado testar hipóteses e procurar factos que possam ser provados e evidenciados. Ainda assim, o conhecimento científico poderá sempre ser falível, pois nenhuma teoria é absoluta ou eternamente irrefutável (Marconi & Lakatos, 2003: 80). Também por isso, a adoção de uma metodologia (ou de um conjunto de metodologias) tem como horizonte a procura de uma garantia de objetividade e precisão na análise da informação encontrada (Gil, *Op. Cit.*: 34).

Um dos maiores desafios que se apresenta a um trabalho de pesquisa é descobrir como obter informação de forma empírica, verdadeira, original e pertinente, a fim de responder a uma questão de investigação e validar ou não as hipóteses de trabalho avançadas inicialmente, de modo a poder formular conclusões e, sempre que possível, desenvolver novas perspetivas de investigação (Haro et al., 2018: 71).

Tendo em consideração este conjunto de pressupostos, a metodologia escolhida para suportar esta dissertação foi de tipo misto, incluindo, num primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica e empírica exploratória e interpretativa e, num segundo momento, a aplicação de Inquéritos por Questionário e a realização de um conjunto de Entrevistas Estruturadas.

A revisão bibliográfica consiste na realização de uma “síntese (...) referente ao trabalho, aos dados pertinentes ao tema, dentro de uma sequência lógica” (Marconi & Lakatos, 2003: 248). A sua principal vantagem é “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenómenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 1989: 71), tendo como objetivo principal aprimorar os argumentos apresentados sobre o tema em análise. Na perspetiva de Martin e Hanington (2012: 112), este trabalho oferece ao autor o benefício de poder destilar conhecimentos no âmbito do espectro da sua pesquisa, conseguindo assim fazer convergir informações de maneira sintética, de modo a traçar conexões relevantes entre as várias referências consultadas. Ainda nesta primeira fase, o conjunto de leituras realizadas foi necessariamente complementado pela observação empírica das múltiplas obras de Arte Urbana que se encontram atualmente na cidade da Covilhã.

Na etapa seguinte, de base quantitativa, foi aplicado um Inquérito por Questionário on-line, uma das técnicas mais utilizadas como validação de uma investigação em curso. Neste caso em concreto, o seu objetivo foi interrogar o maior número possível de habitantes no concelho da Covilhã a fim de recolher dados capazes de ilustrar a sua perceção sobre a requalificação da cidade através da Arte Urbana. Paralelamente, foram realizadas Entrevistas Estruturadas a vários proprietários de negócios locais (cafés / pastelarias, restaurantes e hotéis), com o intuito de compreender se notaram alguma diferença na quantidade e no tipo de turismo que surgiu após a criação das obras de Arte Urbana e, sendo esse o caso, se essa alteração se traduziu também a nível económico. A Entrevista Estruturada foi igualmente o método de recolha de informação aplicado aos fundadores e responsáveis pela organização do Festival de Arte Urbana WOOL e à Vereadora da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã, com o propósito de averiguar como tem sido possível organizar e dar continuidade ao Festival (a nível de financiamento, critérios de escolha e processo de contratação dos artistas envolvidos em cada edição, produção e divulgação do evento, etc.).

Considera-se que, no seu conjunto, a metodologia eleita para concretizar esta dissertação conseguirá viabilizar a recolha de informação necessária não apenas para dar resposta à questão de investigação definida como ponto de partida, mas também às hipóteses de trabalho subsequentemente formuladas.

## **Estrutura da Dissertação**

Após uma introdução não apenas ao tema, mas também ao modo como esta dissertação propõe estruturar a sua pesquisa e análise, especificando objetivos (o que se deseja fazer) e metodologia (como se pretende fazê-lo), o trabalho é dividido em três capítulos.

O Capítulo 1 encontra-se estruturado em três partes ou subcapítulos, o primeiro dos quais procura explicitar não apenas a noção de Arte, mas também o modo como aprendemos a valorizar aquilo que histórica e culturalmente entendemos como tal. Esta introdução permite enquadrar de uma forma mais concreta a presença da Arte Urbana na cultura contemporânea e o modo como os distintos públicos com ela se relacionam. Também por isso, este subcapítulo inicial reconhece a ambiguidade associada ao conceito de Arte Urbana. Embora em termos amplos esta noção possa abarcar todo o tipo de arte que tenha em comum o facto de ser concretizada na rua (incluindo por isso a *Street Art* ou o *Graffiti*, por exemplo), na realidade todos estes movimentos têm origens, histórias, técnicas e manifestações estéticas que permitem distingui-los entre si, conferindo ao que entendemos especificamente por Arte Urbana um espaço próprio. O segundo subcapítulo começa por procurar clarificar o igualmente esquivo conceito de Cultura, evoluindo para a exploração do potencial existente na relação entre Cultura e Turismo e para a análise do que, a nível de desenvolvimento local, pode considerar-se sustentável. Por fim, a terceira e última parte é dedicada à caracterização da Covilhã, enfatizando a importância do seu centro histórico e do património que ali permanece.

O Capítulo 2 centra-se no caso de estudo desta dissertação, o Festival de Arte Urbana WOOL, procurando explicar em que consiste o evento e reconstituir a sua história. Deste percurso faz necessariamente parte o numeroso conjunto de obras que hoje encontramos pela cidade da Covilhã, proporcionando-se por isso informação sobre as mesmas e sobre os seus criadores.

O terceiro e último Capítulo é dedicado à análise dos resultados obtidos tanto através da aplicação de Inquéritos por Questionário à população residente na Covilhã, como das entrevistas realizadas a Pedro Seixo Rodrigues, Lara Seixo Rodrigues e Elisabet Carceller, fundadores do WOOL; à Dra. Regina Gouveia, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã; e a distintos proprietários de negócios locais (cafés / pastelarias, restaurantes e hotéis).

A dissertação termina com a apresentação dos resultados da investigação, refletindo sobre os mesmos a partir de um conjunto de considerações finais e propondo algumas possibilidades futuras de investigação que não só ficam em aberto, como poderiam representar um importante e necessário contributo para a temática em causa.



# Capítulo 1.

## Arte, Cultura e Turismo

### 1.1 Arte Urbana: da compreensão à valorização

#### 1.1.1 Como compreendemos, definimos e valorizamos a Arte

Igualmente complexa e esquiva a definições estanques, também a palavra arte significou muitas coisas diferentes em distintos tempos e lugares. Gosto, padrão, cânone, traduzem-se por ser profundamente variáveis, fruto de contextos e convenções específicos e localizados no tempo e no espaço. Conceitos como beleza, em certa medida instintiva e historicamente associada à arte pelo senso-comum, são exemplos desse perfil arbitrário e convencional. Qualquer História da Arte comprova o seu caráter metamórfico, variável em função da geografia, da época e do próprio temperamento artístico de cada criador. De acordo com Gombrich (1999), o que afirmamos em relação à beleza é igualmente válido em relação à expressividade, pois muitos observadores tendem a preferir aquilo que conseguem compreender e que, em distintos contextos, se funde com o que mais os (co)move (emotivamente). Este autor chama igualmente a atenção para a dinâmica de relações inerente a qualquer projeto artístico e para as suas implicações concretas na gestão entre expectativas e modos de ver. Quem paga por uma obra de arte pode ter expectativas e, em função delas, exigir resultados específicos, nem sempre sendo, por isso, permeável à visão do artista.

O que se pode concluir analisando a sua evolução ao longo dos tempos, é que a arte é sempre uma representação de cada momento e dimensão da história humana e daquilo que os caracteriza. Se assumirmos que o conceito de arte é arbitrário, relativo, compreenderemos melhor o modo como cada obra e/ou movimento foram e são condicionados pelo espaço (lugar), pelo tempo (época) e pelo temperamento individual de cada artista ou pelas características de cada coletivo (Wölfflin, 1979).

Walter Benjamin (1936) é talvez um dos autores melhor sucedidos na análise que propôs sobre a transformação da obra e do conceito de arte como consequência da Modernidade — ou do que definiu como *era da reprodutibilidade técnica*. O seu conhecido ensaio — *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica* — começa com uma significativa citação de Valery, que escrevia no início do século XX precisamente o seguinte: “Nem a matéria, nem o espaço, nem o tempo são desde há vinte anos o que foram até então. É de esperar que tão grandes inovações modifiquem toda a técnica das artes, chegando talvez mesmo a modificar a própria noção de arte” (Valery *apud* Benjamin, 1955: 103-104).

Se para a escrita a invenção da (im)pressa, por Gutenberg, foi um momento fundamental na transição para o século XVI, para a imagem a era da sua reprodutibilidade técnica nasceu com a invenção da máquina fotográfica, no século XIX. Com a fotografia e a sua rápida evolução, foi criada não só a possibilidade de gerar, através de uma máquina, imagens capazes de reproduzir a realidade com uma (progressiva) fidelidade e rapidez que não eram acessíveis à mão humana, mas também (e em consequência) foi conquistada a libertação do artista em relação à necessidade e exigência de duplicação do real. A partir deste momento, altera-se não só o modo de fazer, mas também o modo de pensar a arte. O artista encontra-se, pela primeira vez, em condições de se libertar das restrições canónicas que vigoram, sobretudo, a partir do Renascimento / Classicismo, para começar a explorar a sua própria visão do mundo, as suas emoções, as suas *impressões*. Movimentos como o Impressionismo e o Realismo são os primeiros a acusar esta mudança profunda que a arte começa a sofrer a partir de meados do século XIX, até à absoluta desintegração e negação dos valores clássicos que as Vanguardas do início do século XX viriam a promover. Apesar do recorrente vaticínio da morte da arte, o que efetivamente “morre” é uma forma específica de fazer, gerando possibilidades imprevistas e abrindo caminho à conceptualização. Subitamente, mais do que *saber fazer* (na linha do paradigma que valorizava o talento e a execução manual), há que *saber pensar* – e a verdadeira criação, a verdadeira obra de arte, passa a ser não o objeto, mas o conceito que lhe é associado, como o comprova a famosa *Fonte* criada por Marcel Duchamp em 1917 a partir de um urinol comprado numa qualquer fábrica de cerâmicas. Não importa, aqui, quem fez o objeto, mas sim quem o pensou, como o pensou e como o afirmou enquanto *Obra* (enquanto criação).

Lendo Benjamin, damo-nos conta de que um dos aspetos mais relevantes desta metamorfose vivida pela arte, tanto ao nível da produção como da receção, diz respeito à potencial democratização de um universo que, historicamente, se caracterizou pelo seu profundo elitismo. Quando define a arte como *fascista*, o autor refere-se precisamente ao facto de o acesso à arte, nomeadamente à obra de arte original, ter constituído desde sempre um privilégio exclusivo a uma minoria, a uma elite. Este padrão pode apenas ser quebrado no momento em que uma máquina gera a possibilidade de criar cópias cuja qualidade não se distingue do original – caso da fotografia. Com ela, abre-se um universo de acesso à imagem que nunca antes tinha sido possível, mas não só: instala-se igualmente uma reflexão sobre a democratização do acesso à arte e à imagem, que os meios técnicos do século XX viriam potenciar à exaustão, criando não apenas uma cultura e uma sociedade da informação, mas também uma cultura e uma sociedade da imagem – e com elas, claro, uma cultura que interpreta o livre acesso à informação e à imagem como um direito.

No entanto, com a banalização da imagem e com a diversificação das suas formas de produção, impôs-se também, inevitavelmente, a questão do seu valor. Howard Becker (1982) apresentou a noção de convenção em torno do valor artístico devido à necessidade de legitimação da obra de arte. A criatividade artística e a aquisição de um determinado estatuto num mercado de valores

estão diretamente relacionadas com a construção social deste valor, ou seja, com a legitimação no campo artístico e com a coordenação necessária para que se opere essa legitimação.

Se a exclusividade continua a ser um parâmetro forte na determinação do valor de uma obra, também a exposição passou a assumir particular protagonismo a esse nível, no âmbito de uma cultura que tem vindo a definir a visibilidade como condição de valorização de pessoas e objetos. Ainda que muito distante das atuais características de uma sociedade cujo funcionamento depende, em grande medida, de um conjunto de tecnologias e dispositivos que enfatizam a dimensão visual da nossa cultura, Walter Benjamin (*Idem*) chamou igualmente a atenção para a alteração do sistema de valorização das imagens que emerge na era da sua *reproduzibilidade técnica*, propondo o conceito de *Valor de Exposição* precisamente para definir esta nova lógica segundo a qual ser visto e a quantidade de quem vê superam a qualidade intrínseca da obra ou da imagem como critério de atribuição de valor.

Se avaliada de acordo com a métrica da exposição e do acesso, a Arte Urbana beneficiaria hoje em pleno do impacto causado pelo espírito de democratização que, ao longo do século XX, atravessaria múltiplos movimentos artísticos. No entanto, a sua existência na rua interfere com lógicas instituídas de mercado e comercialização da obra de arte, refletindo-se ainda não apenas na sua valorização, mas também no seu reconhecimento como tal. A questão do valor e do reconhecimento interliga-se igualmente com a diversificação contínua de públicos iniciada com a Arte Contemporânea e que vemos manifestar-se com maior abertura na sua relação com a Arte Urbana, dado os públicos poderem agora ser especializados ou não especializados e, inclusivamente, voluntários ou não voluntários.

### **1.1.2 Arte Urbana: ambiguidade e enquadramento**

Podemos considerar como Arte Urbana todas as manifestações artísticas realizadas no espaço público para, em muitos casos, nele permanecer, permitindo desse modo que qualquer pessoa as possa apreciar. Segundo Pallamin (2000: 23) “a arte urbana é uma prática social. As suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferentes de apropriação do espaço urbano, envolvendo os seus propósitos estéticos com significados sociais que as rodeiam, os seus modos de tematização cultural e política”.

Para Ricardo Campos (2017), a Arte Urbana atua como construção social dos espaços públicos, transformando-se numa espécie de via de produção simbólica da cidade. Segundo o autor, “os significados da arte urbana desdobram-se nos múltiplos papéis por ela exercidos, cujos valores são tecidos na sua relação com o público, nos seus modos de apropriação pela coletividade.” (Campos, 2017: s/p)

Movimento incontestado da Arte Contemporânea, é feita em espaços externos da cidade, sejam eles paredes, muros, fachadas de prédios, entre vários outros. O facto de estar intrinsecamente

vinculada ao lugar onde é criada impossibilita a sua reprodutibilidade ou deslocação para outro local, contrariamente ao que acontece com muitas outras tipologias artísticas, conferindo-lhe, em certa medida, um caráter único e irrepetível.

Apesar da tendência errónea para designar indistintamente múltiplos movimentos como Arte Urbana, nomeadamente o *Graffiti* e a *Street Art*, estamos a referir-nos a três tipologias distintas, com percursos históricos e manifestações igualmente muito diversificados — pelo que, quando ocasionalmente confluem, é sobretudo em resultado de uma escolha ou da ambiguidade a que se presta a interpretação dos conceitos. Podemos, eventualmente, aceitar que Arte Urbana seja o conceito mais amplamente capaz de englobar os restantes, o que não significa que, a um nível mais restrito e concreto, tenha de confluir ou ser confundido com eles. Ao contrário do *Graffiti*, por exemplo, a Arte Urbana não agride nem transgride, por norma, os limites da propriedade privada, existindo dentro de um universo contratual (Moura, 2018).

“Nos últimos anos, *Graffiti*, Arte Urbana e, talvez com menos frequência, *Street Art* têm vindo a designar, de forma abstrata, todo o conjunto de manifestações artísticas produzidas em espaços públicos, nomeadamente inscrições murais e outras marcas criativas deixadas em lugares coletivos, revelando não só a dificuldade de fazer sentido de fenómenos tao recentes e prolíficos, mas também a inevitável complexidade que faz com que tenhamos deles muitas versões e interpretações, reforçando a ambiguidade de múltiplos conceitos facilmente misturados e aplicados de forma equívoca e indistinta (por vezes pelos próprios artistas/autores).” (Moura, 2018: 51)

A confusão existente entre os conceitos emerge do facto de todos eles confluírem no mesmo espaço — a rua, sendo também a rua que define dicotomias como legal/ilegal, permitido/proibido ou público/privado que também contribuem para a sua diferenciação.

#### **1.1.2.1 *Graffiti*: uma linguagem de rua**

O *Graffiti* será possivelmente o conceito que mais facilmente se confunde e conflui com o de Arte Urbana na atualidade, nomeadamente no discurso dos próprios artistas, contribuindo para a ambiguidade que caracteriza estes movimentos artísticos. Ainda assim, a sua origem, o seu percurso, as suas técnicas e a sua configuração estética permitem iluminar as suas diferenças.

Segundo Gitahy (1999), *Graffiti* deriva do italiano *graffito*, que diria respeito às inscrições ou desenhos de épocas antigas, toscamente riscados a ponta ou a carvão em rochas, paredes, etc. Almeida (2008) oferece-nos uma visão mais ampla, afirmando que originalmente o termo *graffiti* englobava todo e qualquer signo desenhado ou gravado na pedra. Originário do grego *grafein* e do latim *graffiare*, teria no mundo antigo a conotação semântica de inscrição icónica e textual.

A palavra *Graffiti* é adicionada à língua portuguesa na década de 1980 com o significado atualizado de escritos e desenhos em muros, tradução que criou alguma confusão em torno do seu significado.

A história da escrita em paredes e muros é possivelmente tão antiga como a do próprio ser humano, tendo respondido a múltiplas motivações ao longo dos tempos. No século XX, vem-la associada, durante décadas, a uma forma de manifesto político. Já na década de 1930, Brassai<sup>1</sup> fotografa sistematicamente as paredes de Paris, oferecendo aos seus contemporâneos imagens que, sendo manifestações efémeras, ofereciam uma fonte de possibilidades expressivas às populações das cidades. As suas fotografias foram publicadas na revista surrealista *Minotaure* em 1933, mas Brassai daria continuidade ao seu registo urbano por mais vinte anos.

Os anos 1960 veriam surgir um movimento maciço de protestos contra o autoritarismo político e o aumento do capitalismo nas sociedades ocidentais. Vários países europeus e latino-americanos foram palco de movimentos juvenis fortes, mas foi em Paris que a revolta estudantil teve maior expressão. Em Maio de 1968, os estudantes reivindicaram a reformulação dos currículos e criticaram o autoritarismo político, protestando amplamente pelas ruas de Paris. Entre as formas mais contundentes das suas manifestações estavam cartazes, panfletos e *graffitis* com palavras de protesto contra o Governo. Ainda que breve, este intenso movimento teve impacto em distintas partes do mundo, gerando não apenas manifestações, mas uma revolução profunda no pensamento, comportamento e expressão juvenis. Embora não tenha sido a origem desse fenómeno, Maio de 1968 legitima a parede como espaço de expressão e reivindicação, abrindo caminho ao que, no século XX, viria a transformar-se assumidamente numa *linguagem de rua*.

O *Graffiti* tal como o conhecemos, nomeadamente a vertente que virá mais tarde a adquirir algum estatuto enquanto movimento artístico, surge na década de 1970, nas periferias dos grandes centros urbanos americanos, tais como Filadélfia e Nova Iorque. É frequentemente rotulado de vandalismo, devido a uma história de transgressão, mas também de destruição, de espaços e/ou equipamentos públicos ou privados.

Com a consolidação do ativismo social ligado a distintos grupos étnicos, particularmente à comunidade afro-americana, emergem movimentos de contestação e expressão artística que viriam a assumir grande proeminência cultural. É o caso do Hip-Hop, ao qual o *Graffiti* foi associado desde o seu início. Ainda assim, um estudo mais atento constatará que a história do *Graffiti* se interliga com a de distintos movimentos sociopolíticos e respetivas expressões musicais — caso, por exemplo, do Punk, popular também nas décadas de 1970 e 1980. O elo comum é a assimetria observada entre as condições de vida na periferia urbana das grandes

---

<sup>1</sup> Brassai nasceu na Hungria em 1899 e morreu em França em 1984. Foi fotógrafo, escultor, escritor e cineasta, tendo alcançado reconhecimento internacional ao longo do século XX com o seu trabalho.

metrópoles e os privilégios das suas elites (sejam esses privilégios sentidos em termos financeiros, de habitação, de acesso a melhores cuidados de saúde ou a um melhor sistema educativo, etc.).

Consequentemente, o *Graffiti* habitou e habita ainda, em muitos casos, a ténue fronteira situada entre a legalidade e a ilegalidade, fazendo da adrenalina da transgressão e da permanente superação um fator de inspiração e uma forma de conquistar um certo estatuto entre a comunidade.

### **1.1.2.2 A missão social da Arte**

Contrariamente ao *Graffiti*, a Arte Urbana encontra-se reconhecidamente no território da legalidade, sendo cada vez mais apoiada por distintos programas promovidos por entidades e instituições interessados no que este movimento artístico tem a oferecer em termos de requalificação urbana e potencial turístico e cultural.

Embora a Arte Urbana tenda a ser contratada ou comissionada, distanciando-se assim de todas as criações entendidas como invasivas (Moura, 2018), tem em comum com outras artes de rua a preocupação com a melhoria do espaço escolhido, muitas vezes previamente degradado, de modo a acrescentar não apenas valor, mas também a alterar a perceção daqueles que o habitam. Será, por isso, compreensível que a noção de Arte Urbana surja pela primeira vez associada ao contexto do Planeamento Urbanístico e da Arquitetura, dando corpo ao projeto de uma Arte Pública com o papel social de melhorar o ambiente do local onde é instalada.

Terá sido na Bélgica que, na segunda metade do século XIX, surgiu pela primeira vez a expressão Arte Pública, designando um segmento da produção artística destinado a todos os cidadãos. Na perspetiva de Abreu (2015: 17), este conjunto de ideias surge já influenciado pelo movimento inglês *Arts & Craft*, acabando por ter grande expressividade em Bruxelas através do trabalho de artistas como o pintor e arquiteto belga Henry van de Velde ou o arquiteto Charles Buls que, juntamente com Ildefonso Cerda e Camillo Sitte, foi um dos pioneiros do urbanismo moderno, além de um ativo promotor da Arte Urbana (Idem: 19). Os seus objetivos passavam por transformar as ruas em locais capazes de educar a população, atribuindo deste modo à arte uma missão assumidamente social (Moura, 2018).

Podemos associar o aparecimento de uma arte pública também aos Estados Unidos da América onde, entre 1890 e 1920, se assiste ao desenvolvimento do *City Beautiful Movement*. Liderado por arquitetos, paisagistas e reformadores vindos da planificação urbanística, este movimento afirmava que a Arquitetura, o Design e os problemas sociais não podem ser compreendidos separadamente, o que incentiva os profissionais destas áreas a manterem-se envolvidos com as suas respetivas comunidades.

A popularidade deste movimento é possivelmente justificada devido ao momento histórico em que ocorre, pois pela primeira vez a população urbana começava a ultrapassar em número a população rural do país. Este facto gera implicações incontornáveis na gestão urbanística das cidades, de modo a facilitar o trânsito de pessoas e veículos, mas também a contribuir para melhorar a sua aparência (incorporando parques, jardins, centros cívicos, etc.). O facto de o rápido crescimento das cidades contribuir para as transformar em locais congestionados, poluídos e progressivamente inseguros faz com que o movimento não tenha dificuldade em obter apoio financeiro para a sua implementação.

A missão social é, possivelmente, um dos elos mais evidentes que interliga a história da Arte Urbana às preocupações de gestão urbanística sentidas ao longo do século XX, à medida que se vai observando a expansão das cidades, a multiplicação sem critério de zonas periféricas e a consequente e progressiva degradação dos centros urbanos. É dessa necessidade e vontade de regeneração do espaço que a Arte Urbana emerge na sua dimensão mais concreta.

## 1.2 Cultura e Turismo

### 1.2.1 Em busca de uma definição de Cultura

Cultura é uma palavra latina com a mesma raiz de *cultus* (cultivo e culto), do verbo *colo, is, ere*, aplicado a domínios tão diversos como os campos, as letras e a humanidade. Embora este conceito tenha sido tema central de múltiplos estudos ao longo dos últimos cem anos, a sua complexidade permanece evidente, nomeadamente quando tentamos defini-lo, devido à sua enorme amplitude e à diversidade de aplicações a que se presta. O ser humano é um ser cultural mesmo antes de ser social, pois tem a capacidade de atribuir significados aos atos que pratica. Convergentemente, a cultura é um conceito pluridimensional, já que se pode referir ao cultivo da terra, ao desenvolvimento do espírito, à civilização, ao desenvolvimento material e técnico, ao património social e ao modo de vida de um povo. Isto é, a cultura, para além de poder referir-se a objetos concretos como o cinema, as obras de arte, a literatura, entre outros, pode, numa aceção mais ampla, ser também considerada tudo o que o ser humano consegue executar, enquanto manifestação do seu engenho e capacidade de transformação do mundo natural.

Não é, portanto, difícil de compreender que o conceito de Cultura tenha assumido um natural protagonismo no âmbito das Ciências Humanas, convocando a Antropologia de um modo muito particular. De facto, a partir do século XIX foram vários os antropólogos que procuraram definir os limites da sua ciência por meio da definição de Cultura, chegando a um conjunto bastante diversificado de definições que, ao invés de contribuírem para uma necessária objetividade, se prestaram a interpretações ambíguas e, por vezes, contraditórias.

Do ponto de vista da sua etimologia, o conceito vem do latim *coléo, cultum* que significa lavar a terra (é preciso ferir a terra, no bom sentido). Cultura pode ser, por isso, a aplicação de esforço num determinado campo, seja no campo do saber ou do louvor. A nível antropológico, a Cultura é vista como o desenvolvimento sustentado de capacidades e habilidades, adquiridas por repetição, treino e aprendizagem. Tem também um significado cognitivo, que consiste no conjunto de conhecimentos obtidos por experiência ou estudo. De um ponto de vista espiritual, é vista como um investimento do espírito ou da mente num campo epistémico. Etnologicamente, define-se como o conjunto de tradições, costumes e normas sociais partilhados por determinada sociedade, remetendo para a sua memória coletiva. Sob uma perspetiva sociológica, é um conjunto de preceitos e normas sociais, regras religiosas, manifestações intelectuais e artísticas partilhadas por determinada comunidade, abrangendo, portanto, as suas crenças, valores e doutrinas.

O conceito de Cultura foi também amplamente tipificado e definido a partir de categorias. Pode ser definida como *histórica*, se vista apenas como herança social; *cognitivista*, para aqueles que consideram que não passa de um complexo de ideias e de hábitos; *estrutural*, para os que a

interpretam como um conjunto de padrões e/ou códigos de conduta; e *simbólica*, ao corresponder à representação do sentido de pertença de determinada comunidade.

Para Jean-Jacques Rousseau, Cultura seria definida como bondade natural ou solidariedade espontânea. A essa ideia positiva de cultura, Rousseau opunha a ideia negativa de Civilização, pois esta era pensada como aprisionamento da bondade humana natural, por meio de regras e convenções artificiais e exteriores ao ser humano. Por sua vez, para Voltaire e Kant Cultura e Civilização representavam o processo de aperfeiçoamento moral e racional da sociedade. Já Hegel definiria a Cultura como o conjunto organizado dos vários modos de vida de uma sociedade. Segundo este filósofo, a Cultura resultaria da forma de ser dos seres humanos, estando por isso relacionada com o modo como estes vão compreendendo, representando e estabelecendo relações com os vários elementos que integram a sua existência, do trabalho à religião, passando pela linguagem, as ciências, as artes e a política.

Concluindo, embora o conceito de Cultura seja claramente muito amplo e diversificado, na raiz de todas as suas definições encontramos a peculiar condição do ser humano enquanto ente dotado de uma capacidade única para confrontar a realidade através de uma ação à qual é atribuído significado. Quer a Cultura seja considerada simples ou complexa, parece equivaler a um conjunto de competências de ordem material, humana ou espiritual, com a ajuda das quais o ser humano se torna capaz de lidar com os problemas com que se defronta.

### **1.2.2 A relação entre Cultura e Turismo**

O Turismo resulta do — e promove o — contacto entre pessoas vindas dos mais diversos territórios, fomentando (em distintos níveis) uma inevitável interação entre visitantes e visitados. Pode, por isso, gerar partilhas de ideias, experiências e práticas sociais, potenciando a ligação não só entre culturas, mas ao “*outro*”, a todos esses *outros* que tantas vezes estranhámos apenas porque nos são desconhecidos.

O turismo cultural tem vindo a conquistar terreno e importância, sendo visto, desde logo, como um contributo, direto ou indireto, para a salvaguarda do património e a preservação da identidade, da cultura, da tradição e da herança de um povo. As cidades são parte importante deste cenário, devido à sua capacidade de apostar abertamente na cultura e nas artes, encarando-as como meio de regeneração do espaço urbano e de desenvolvimento económico local, o que lhes permite galvanizar comunidades e promover múltiplos níveis de coesão social em torno da cultura, da sua defesa e do seu consumo.

Segundo Barreto (2006) são diversas as definições de turismo que têm surgido ao longo dos anos em que os elementos mais importantes e transversais são o tempo de permanência, o carácter não lucrativo de visita e a procura do prazer por parte do turista por livre e espontânea vontade. Efetivamente, o turismo compreende as atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadias em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período

consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros (Organização Mundial do Turismo, 1991). Segundo a OMT, o turismo é um dos principais setores socioeconómicos, políticos, culturais e ambientais a nível mundial, não surpreendendo, por isso, que seja também um dos que mais tem crescido nas últimas décadas num país com as características geográficas e climáticas de Portugal.

Para Barreto (2006), o turismo cultural no sentido mais amplo seria aquele que não tem como atração principal os recursos naturais. Poderíamos, portanto, inferir desta interpretação que a oferta cultural teria como objetivo dar a conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo ser humano em distintos tempos e espaços.

Curado (1996) chama a atenção para a necessidade de impedir que a interpretação da noção de turismo cultural se veja restringida apenas ao que diga respeito à exploração e valorização da “pedra”, ou seja, a edifícios, sítios e monumentos históricos, uma vez que esta tipologia de turismo deve incluir igualmente produtos e serviços, gastronomia, folclore, atração popular, artesanato, entre outros.

O turismo cultural implica, em toda a sua amplitude, o acesso à variedade e complexidade de um património e de um modo de vida de uma comunidade. Nesse sentido, embora as atividades de lazer e repouso possam integrar os objetivos tanto daqueles que o procuram como daqueles que o promovem, pode também beneficiar da possibilidade de conhecer / dar a conhecer tradições e manifestações históricas e religiosas típicas que tornam determinada região ou território único em comparação com os demais. Consequentemente, quanto mais o turismo cultural é encarado não apenas na perspetiva da procura, mas também na perspetiva da oferta, ou seja, do que pode e de como pode ser oferecido (atraíndo, portanto, maior procura), mais poderá estimular os recursos existentes em cada comunidade para contribuir para o desenvolvimento económico da região em que esta se encontra inserida.

Quando associada ao turismo, a cultura é considerada uma atividade com um impacto crescente — seja ele local, regional, nacional ou global —, tanto a nível económico, como social, ambiental, ético e político. Esta característica deve colocar inevitavelmente em discussão e em perspetiva não apenas a possibilidade de abertura a distintos contextos, experiências e paisagens, mas também a necessidade de equilíbrio ambiental, a preocupação com a não apropriação indevida de recursos naturais e culturais de distintas comunidades por grandes empresas, corporações ou conglomerados e a consideração (e consciência) permanente de que, para o bem e para o mal, é de um negócio que estamos a falar — exigindo, portanto, não apenas atenção à sua pegada comunitária e ecológica, mas também ao modo como são geridas as condições humanas de trabalho e aquisição de bens que permitem o seu bom funcionamento.

### **1.2.3 Turismo, sustentabilidade e desenvolvimento local**

Segundo Barreto (2006), o turismo não diz respeito somente a quem viaja, à pessoa que o pratica, mas também a quem recebe. Basicamente, pode ser explicado como uma relação de compra e venda, uma troca entre aqueles que consomem e aqueles que criam atração e prestam serviços. No entanto, Barreto propõe igualmente que pensemos o turismo como um rizoma que cresce e se expande na forma de subsistemas independentes que se relacionam em diferentes graus de dependência.

Em Portugal, o setor do turismo terá que apostar no alargamento da oferta com base na criação de novos produtos que permitam a utilização de recursos progressivamente mais variados, sendo desta expansão que emerge o investimento no turismo cultural. O incremento deste tipo de turismo nas suas mais variadas vertentes representa a necessidade premente de recorrer a novas formas de gestão de oferta turística, numa clara alusão à utilização do património cultural enquanto recurso de desenvolvimento, de modo a viabilizar uma oferta diversificada, alusiva a critérios de valorização do património histórico e cultural numa perspetiva de desenvolvimento económico sustentável.

A importância do setor do turismo para a economia portuguesa é assumidamente estratégica, devido à sua capacidade de criar riqueza e emprego. A criação do Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT), um incentivo do Governo da responsabilidade do Ministério da Economia e da Inovação para servir de base à concentração de ações definidas para o crescimento sustentado do Turismo de Portugal, reflete essa estratégia.

Sendo atualmente um dos principais setores da economia portuguesa, caracteriza-se ainda por uma certa vulnerabilidade (nomeadamente perante a concorrência internacional), estando muito dependente do desempenho de três regiões (Algarve, Lisboa e Madeira) e sendo afetado por uma elevada sazonalidade e por limitações nas ligações aéreas, que só muito lentamente podem ir sendo resolvidas. Neste sentido, falta-lhe ainda estrutura para se tornar uma vertente sólida e sustentável da nossa economia.

Segundo o Turismo de Portugal (2009: 18), turismo sustentável será aquele que garante

- “- Rentabilidade e distribuição de riqueza, permitindo a participação e sustentabilidade económica e financeira dos diferentes atores;
- Valorização da herança cultural, das paisagens e da biodiversidade, assegurando a sua manutenção para as comunidades e clientes, atuais e futuros;
- Ecoeficiência dos produtos turísticos permitindo a redução do consumo de recursos e de emissões;
- Atratividade laboral, investindo no capital humano, oferecendo oportunidades de emprego desafiantes para as gerações atuais e futuras;
- Diversidade cultural, pondo em evidência as especificidades locais, criando experiências de valor para os clientes e as comunidades;
- Acessibilidade a todos, independentemente das condições físicas ou económicas”

Esta perspectiva é reforçada pela de Briassoulis e Straaten (1992), de acordo com a qual o turismo sustentável deve privilegiar cinco dimensões e o equilíbrio entre as mesmas:

1. Comunidade local — crescimento económico cuidadosamente planeado, gerando empregos satisfatórios sem dominar a economia;
2. Ambiente — capacidade de respeitar o ambiente e a arquitetura local;
3. Processo de tomada de decisão — local, mantendo as tradições e valores das comunidades;
4. Benefícios — distribuídos;
5. Turistas — criação de experiências satisfatórias, com valor para o turista;
6. Fornecedores de produtos / serviços — uso sustentável dos recursos existentes com uma perspectiva a longo prazo, aceitando e privilegiando valores ambientais e sociais para turistas e comunidade local.

O conceito de turismo sustentável é interessante porque se interliga diretamente com a noção de desenvolvimento local. Também este deve ser definido considerando a menor escala territorial possível, a partir da identidade territorial das populações. Nesse sentido, o desenvolvimento local deverá refletir uma perspectiva integradora, procurando valorizar e potenciar os recursos endógenos através de diversas iniciativas, promovendo o envolvimento e a participação de todos os agentes implicados no processo.

## **1.3 A Covilhã como contexto**

### **1.3.1 A cidade e o seu centro histórico**

A Covilhã é a principal porta de acesso à Serra da Estrela, terra da indústria da lã, berço de descobridores quinhentistas, hoje cosmopolita cidade universitária. Situada a sudeste da Serra da Estrela, a Covilhã é um dos principais centros urbanos do interior do país. A cidade está localizada a 18 quilómetros do ponto mais alto de Portugal Continental, conhecido na região como Torre (que perfaz os 2 mil metros de altitude) e o seu núcleo urbano estende-se entre os 450 e os 850 metros de altitude.

Esta localização única faz da Covilhã a “Cidade Montanha de Portugal” que, para além do ar puro, beleza natural e dos desportos de neve, tem para oferecer a possibilidade de desfrutar de inúmeras atividades ao ar livre, a cavalo, de balão ou helicóptero, em percursos pedestres ou *karting*, por exemplo. É, também por isso, uma cidade cheia de vida, animada pelos seus mercados e feiras e pela vida noturna das discotecas e dos bares espalhados por toda a localidade.

Apesar de não ter mar, a Covilhã possui uma história ímpar como cidade, ligada à grande epopeia portuguesa que há seiscentos anos fez iniciar o processo de globalização. Desde o Infante D. Henrique, Senhor da Covilhã, iniciador das navegações portuguesas, a Pêro da Covilhã, fundamental na preparação da viagem de Vasco da Gama à Índia, passando por Mestre José Vizinho, primeiro grande cientista e cosmógrafo português, muitos foram os artífices que aqui iniciaram o processo de viagem e descoberta que levou os portugueses ao mundo.

Com uma tradição industrial secular, é caracterizada por uma cultura de trabalho definida por altos padrões de exigência que têm como pedra basilar um Município apostado na diversidade e na qualidade. No entanto, atualmente a cidade da Covilhã encontra-se a viver um período de particular estagnação económica, deixando muitos dos seus habitantes sem opções viáveis para garantir o seu sustento e obrigando-os a abandonarem o município para trabalharem noutras localidades. As possibilidades de desenvolvimento que animam ainda a economia local são a Universidade da Beira Interior e as oportunidades abertas por uma melhor rentabilização do acervo arquitetónico existente. De facto, a conservação e utilização do rico património histórico que a cidade oferece criam, hoje, algumas perspetivas de desenvolvimento socioeconómico ainda por explorar.

Os centros históricos são talvez os testemunhos mais complexos das sociedades que, um dia, elegeram um lugar para viver, implicando condicionantes de vária ordem, sejam elas económicas, sociais, habitacionais, políticas, culturais ou de respeito mútuo. São como documentos vivos do património cultural, da organização do espaço urbano, dos sistemas e dos materiais de construção, dos valores estéticos de referência, da cor e da imagem da cidade, das

relações entre vizinhos e dos sistemas de comunicação. Por tudo isto, compreende-se que, em geral, as cidades os queiram ver reabilitados, reafirmados, preservados e nunca abandonados. Regenerar concertadamente um centro histórico possibilita alcançar metas no que concerne a um espaço público mais qualificado, com edifícios com novas funções culturais ou outras de interesse para a comunidade local, permitindo atrair um maior número de visitantes e potenciar os níveis de autoconfiança e autoestima dos cidadãos.

Se, em tempos idos, os centros históricos eram os locais onde se desenvolviam todas as vertentes da atividade humana de cada localidade, o último século e, em particular, as últimas décadas tornaram-nos alvo de uma progressiva desvalorização física, económica e social, retirando-lhes a maior parte da sua população e, conseqüentemente, a sua função e identidade. Esta desvalorização deveu-se à nova forma de pensar o urbanismo da “cidade moderna”, cujas possibilidades de crescimento levam as autarquias a permitir a concentração da maioria do investimento privado no desenvolvimento urbanístico nas franjas urbanas, onde o espaço não é impedimento. Esta situação causou a deslocação da maioria da população para as novas construções, atraída por habitações de melhor qualidade e mais adaptadas às necessidades da vida contemporânea. Conseqüentemente, à medida que vemos mover-se a massa humana, vemos também os principais serviços trasladarem-se para a periferia, de modo a manter a satisfação dos seus utentes e clientes.

Perante as novas realidades urbanísticas dos séculos XX e XXI, os centros históricos e a sua revitalização tornam-se, simultânea e progressivamente, dificuldades e desafios para entidades municipais e várias outras entidades e organizações de cariz cultural e social.

### 1.3.2 O património do centro histórico covilhanense

A área intramuralhas, designada como centro histórico, é um património secular de memórias acumuladas, com diversos contextos históricos e estéticos. No local onde existiu outrora o castelo da Covilhã, surge agora uma paisagem avassaladora. É por entre ruas e ruelas cheias de história e alma que encontramos várias lojas de comércio tradicional, cafés, retrosarias, mas também locais onde a modernidade se encontra com o passado numa harmonia perfeita.



**Figura 1** - Imagem via satélite com a zona histórica da Covilhã delimitada a vermelho (Fonte: Google Maps)

## **Pontos turísticos relevantes**

### **Miradouro Portas do Sol**

Do Miradouro das Portas do Sol consegue ter-se a noção do domínio da paisagem que o castelo dispunha, a partir do qual se controlavam os principais acessos à cidade e, igualmente, se deslumbravam os contornos da antiga fronteira com o reino de Castela.



**Figura 2** - Fotografia do Miradouro Portas do Sol  
(Fonte: Google)

### **Igreja de Santa Maria do Castelo**

A Igreja Matriz da Covilhã foi edificada no séc. XIX (1886) no local da antiga Capela de Santa Maria do Castelo, datada do séc. XVI. É uma Igreja revivalista neobarroca de planta longitudinal, composta por uma nave, uma capela-mor mais estreita e baixa, uma capela lateral, um batistério, uma torre sineira e alguns anexos.

No interior, destacam-se os retábulos de talha dourada neorrocócós e neoclássicos, podendo igualmente ver-se algumas imagens de valor, nomeadamente as de São Francisco de Sales e de Santa Teresa de Jesus, assim como a Relíquia do Santo Lenho oferecida por D. Luís à Capela de Santa Cruz.

O revestimento azulejar que cobre completamente a fachada com cenas da vida da Virgem foi aplicado em 1940. Os conflitos e as rixas locais eram julgados pelos Juízes e Homens-Bons, os homens do povo mais ricos e respeitados do concelho, no adro da Igreja de Santa Maria.



**Figura 3** - Igreja de Santa Maria do Castelo  
(Fonte: Google)

### **Muralhas da Cidade da Covilhã**

Castelo de fundação romana, com origem provável num castro lusitano, que sofreu ao longo dos tempos saques e destruições. Da primitiva fortaleza medieval apenas subsistem alguns panos de muralha, alguns integrados noutras construções e nem sempre visíveis, e vestígios de portas e de torres: Porta do Sol, Porta de São Vicente, Arco da Comarca e um torreão octogonal. A pedra do castelo foi mais tarde utilizada para edificar grandes construções como a Real Fábrica dos Panos e os Paços do Concelho.



**Figura 4** - Muralhas do Castelo da Covilhã  
(Fonte: Google)

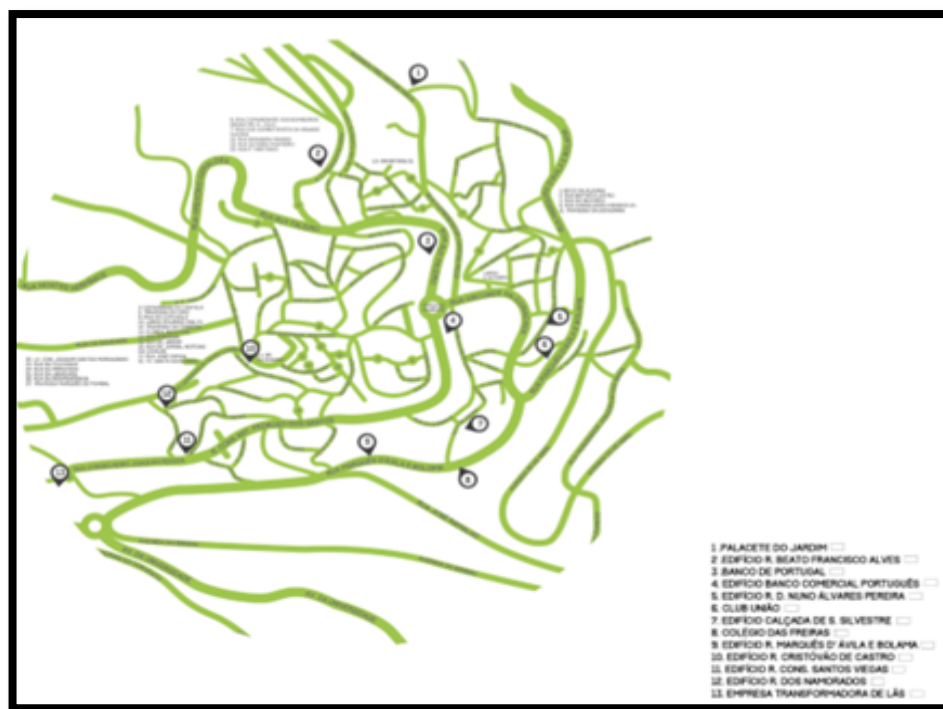


Nova, como louceiros e cómodas que, ainda que ecléticos na forma, mostram através dos grandes girassóis e folhagens talhadas, sobretudo nos ângulos de portas e gavetas, a influência deste novo estilo.

Já no que diz respeito às construções, à semelhança do que acontecia pelo resto do País, as manifestações de Arte Nova resumem-se a apontamentos que se encontram nas molduras dos vãos, estes quase sempre ovalados, formando bíforas ou tríforas, bem como nas decorações azulejares, nas grades em ferro das varandas, nos portões e nas bandeiras. Edifícios como o Palacete Jardim, o Club União, o Colégio Moderno, a Agência do Banco Comercial Português na Covilhã ou a Empresa Transformadora de Lãs representam a Arte Nova e surgem espalhados pela cidade, representando breves apontamentos que não devem ser descurados.

Será no *Colégio das Freiras*, na Rua Marquês d'Ávila e Bolama que se encontram os mais antigos apontamentos que remetem para uma nova estética. Mesmo não podendo ainda ser afirmado como Arte Nova, estes apontamentos marcaram uma conceção decorativa distinta, expressa na sinuosidade da linha curva, formando motivos geometrizados nas bandeiras das portas-janelas que abrem para os balcões e no uso dos elementos cerâmicos que formam a original platibanda. Também a grandiosidade dos dois vãos de volta plena destinados a valorizar, pela iluminação, determinadas dependências vêm marcar mais uma rutura com o passado. Saliente-se que este edifício terá sido mandado construir, ainda em finais do séc. XIX ou primeiros anos do século seguinte, pelo Comendador Campos Melo.

O higienismo marcou uma época, privilegiando materiais e soluções arquitetónicas que possibilitassem uma maior salubridade, facilitassem a limpeza e permitissem maior durabilidade. O uso de materiais como o azulejo, o mosaico cerâmico e o ladrilho tornou-se cada vez mais frequente. A estes acrescentava-se o vidro, de preferência colorido ou martelado, possibilitando a entrada de luz e a criação de ambientes. As marquises permitiam, de forma diferente, a utilização de um espaço exterior que se tornava íntimo. As marcas desta mudança da arquitetura estão bem disseminadas pela cidade e, neste sentido, pode afirmar-se que se um primeiro Modernismo designado de Arte Nova não teve grande expressão na cidade no que toca à decoração, contudo foi implementado no que respeita aos elementos estruturais.



**Figura 6** - Rota Arte Nova

(Fonte: <http://www.cm-covilha.pt/db/documentos/899.1.1503503929.pdf>)

### **Rota das Judiarias**

Desde o final do império romano existiam, naquele que viria a ser o território português, comunidades judaicas, em bairros judeus, no interior das povoações — as chamadas judiarias. A comunidade judaica da Covilhã foi, desde o século XII até inícios do século XX, a maior e mais importante da Região da Serra da Estrela e uma das mais fortes de Portugal. Dedicava-se fundamentalmente ao comércio e ao artesanato, mas também às atividades agrícolas, tendo sido estes os maiores impulsionadores da indústria dos lanifícios.

Na cidade existiam, no final do século XV, pelo menos dois núcleos hebraicos. Um intramuralhas, junto às Portas do Sol, e o segundo na parte exterior das mesmas, confinando com elas próximo das portas da vila, envolvendo a área que abarca a Rua do Ginásio e a Rua das Flores. Esta última caracteriza-se pela existência de vias estreitas, sem ordenamento e com espaços públicos exíguos. Os imóveis são estreitos tanto na fachada como em altura, ao sabor de gostos pessoais e com acrescentos apendiculares. Apresentam, na generalidade, fachadas com características arquitetónicas judaicas, como uma porta grande e uma porta pequena, janelas desenquadradas, portas chanfradas ou ombreiras. Neste último núcleo, atribuído tradicionalmente à comunidade judaica, salientam-se três habitações com janelas manuelinas, decoradas com motivos náuticos, duas na Rua das Flores e uma na Rua do Ginásio Clube. Uma das Janelas Manuelinas desse período foi restaurada e recuperada pela Autarquia, encontrando-se agora na parte de trás da Câmara Municipal da Covilhã.

Para além das áreas habitacionais, ressaltam-se os estabelecimentos fabris, fundados por empresários cristãos novos, salientando-se, entre eles, a Real Fábrica dos Panos, a Fábrica Campos Melo e a Fábrica Velha.



**Figura 7** - Janelas do estilo manuelino presentes nas ruas da Covilhã (Rua das Flores e Rua do Ginásio Clube, respetivamente)  
(Fonte: Google)

### **Rota Caminhos de Santiago**

O percurso do secular “Caminho de Santiago no Concelho da Covilhã” trata-se de um itinerário de dificuldade média que se alonga por cerca de 13 quilómetros, desde o Ferro (Pedra do Adufe) até Peraboa (Capela do Divino Espírito Santo), onde se respira natureza, história e hospitalidade. Esta rota era essencialmente utilizada pelos peregrinos vindos do sul de Portugal e de Espanha, que depois seguiam para a Guarda, Trancoso e Lamego, seguindo daí para Santiago de Compostela.



**Figura 8** - Caminhos de Santiago  
(Fonte: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=899&tab=793&curr=862&lang=1>)

### **Programa “Descobrir a Covilhã”**

O Programa “Descobrir a Covilhã” é uma iniciativa da Câmara Municipal da Covilhã e permite a realização de visitas guiadas, gratuitas, pelas zonas históricas da cidade para grupos com mais de 10 pessoas. Estas visitas devem ser marcadas com 48 horas de antecedência e são organizadas de acordo com os interesses de cada grupo, podendo resultar, entre outros, nos seguintes itinerários:

- Covilhã Medieval;
- Rota das Igrejas;
- Percurso genérico do Centro Histórico;
- Rota azul e branca (azulejos);
- Em busca dos símbolos perdidos.

### **Festival da Cherovia**

A Cherovia, quase desconhecida das gerações mais novas, passou a *ex-libris* da cidade e concelho da Covilhã. Hoje em dia, é protagonista de um festival que já conta com dez anos de existência, realizando-se no centro histórico desde há quatro anos. Todos os anos a organização leva a cabo um intenso, profícuo e árduo trabalho, procurando inovar num festival onde a gastronomia é o principal ponto de atração. Esta é uma festa que tem como objetivo maior dar a conhecer e impulsionar a cherovia enquanto produto gastronómico de excelência, sendo organizada a partir de uma parceria entre a Banda da Covilhã, a Associação Desertuna e a Câmara Municipal da Covilhã. Conta ainda com o apoio da Covilhã Eventos e da Associação Académica da Universidade da Beira Interior (AAUBI).



**Figura 9** - Fotografia captada no Festival da Cherovia (2017)  
(Fonte: Google)



## Capítulo 2.

# O WOOL como objeto de estudo

### 2.1 História e caracterização do WOOL

A Covilhã é rapidamente associada à Serra da Estrela, sendo por isso conhecida por muitos como *Cidade Neve*, mas também o seu passado intimamente ligado à indústria dos lanifícios é um elemento forte que a distingue na memória coletiva até aos dias de hoje. Inspirado nessas duas características históricas, profundamente refletidas na identidade local, o Festival WOOL nasceu tendo como principal filosofia não só prestar homenagem ao passado da cidade, mas também procurar afirmá-la como referência para a Arte Urbana portuguesa.

Ambicioso por definição, este projeto foi fundado e organizado por três pessoas: os irmãos Pedro Seixo Rodrigues e Lara Seixo Rodrigues, naturais da Covilhã e arquitetos de formação, aos quais se juntou a catalã Elisabet Carceller, natural de Barcelona, casada do Pedro, historiadora de arte e museógrafa. A sua principal motivação para a criação conjunta do WOOL foi aliar duas paixões: a Arte Urbana e a cidade da Covilhã, o que não os impediu de prosseguir independentemente com os seus projetos prévios ou de abraçar novos desafios — caso da loja e espaço de *co-work* A Tentadora, também localizado no centro histórico da Covilhã.

O projeto começa a ser pensado no final de 2010, momento em que a Arte Urbana estava a conquistar um novo patamar no panorama artístico mundial. Em Portugal via-se tipicamente florescer nos grandes centros urbanos do litoral, particularmente Lisboa, onde viviam os três nesse momento. Elisabet Carceller refere na entrevista que lhe foi realizada no âmbito desta dissertação que a configuração do centro histórico covilhanense foi um dos motivos que os fez acreditar no potencial desta cidade para acolher Arte Urbana, dado proporcionar múltiplas oportunidades adequadas a este tipo de manifestação artística e poder facilmente transformar-se num roteiro a percorrer a pé por qualquer visitante. A escolha do centro histórico teria igualmente como objetivo revitalizar um espaço algo esquecido, trazendo novas pessoas e fortalecendo o sentimento de pertença daqueles que nele vivem.

Estruturar um bom projeto, apresentar a sua candidatura e conseguir o apoio da Direção Geral das Artes (DGArtes) viria a ser fundamental para ter financiamento para a primeira edição, que decorre em 2011. No ano de 2019 organizaram a sua 6ª edição oficial. Um dos motivos que tem limitado a existência de uma periodicidade anual, como pretendido inicialmente, deve-se ao facto de dependerem de um financiamento que não é fácil de conseguir. No entanto, desde 2017 o WOOL tem como apoio principal a Câmara Municipal da Covilhã, contando ainda com um conjunto de patrocinadores privados (caso, desde a primeira edição, das Tintas CIN, mas também, mais recentemente, do *Hotel PuraLã* e dos restaurantes *Ó Serrano*, *Taberna A*

*Laranjinha e Casa das Muralhas*, entre outros), o que tem vindo a torná-lo possível.

O nome escolhido para o Festival é um jogo de palavras entre WOOL (“lã” em inglês) e o seu (quase) homófono WALL (“parede”, também em inglês). Com a escolha deste nome, os seus fundadores pretendem homenagear e valorizar o passado da Covilhã (a antiga “Manchester Portuguesa”), tão intimamente ligado à transformação desta matéria-prima que é a lã nas suas inúmeras fábricas de lanifícios. Em simultâneo, fazem uma referência dissimulada às paredes (*walls*) que se assumem como suporte primordial de qualquer intervenção de Arte Urbana. Segundo Elisabet Carceller, todas as intervenções são *site-specific*, ou seja, pensadas e inspiradas na Covilhã.

A curadoria ou escolha dos artistas que integram cada edição, bem como a definição da programação paralela, a produção, a logística e a divulgação é sempre um trabalho a três. Tem sido importante integrar as intervenções artísticas num contexto mais amplo de atividades, tais como oficinas, palestras ou roteiros, por exemplo, cujo objetivo é promover o contacto direto entre o público e o(s) artista(s).

As consequências das intervenções de Arte Urbana na Covilhã têm vindo a ser estudadas e provadas, nomeadamente ao nível da requalificação do espaço público e do seu impacto positivo na comunidade local. O facto de as intervenções pertencerem ao espaço público desperta naturalmente o interesse das pessoas, dando-lhes a oportunidade de apreciar o processo criativo dos artistas ao vivo, quando normalmente (nos museus e galerias) apenas existe a possibilidade de ver o resultado final. Não é, por isso, em vão que a Arte Urbana surge tão associada à ideia de democratização da cultura, devido ao seu potencial natural para aproximar a arte de pessoas que, por diversos motivos, não têm por hábito visitar espaços culturais.

Na Covilhã, o centro histórico sofreu diversas transformações desde o início do WOOL. Começou a ser falado e valorizado, abriram novos espaços comerciais e de restauração com conceitos diferenciadores, e foi alvo de intervenções de requalificação de edifícios por parte de privados. Um dos principais objetivos do Festival tem sido homenagear o passado lano-fabril da região, bem como restaurar e dar uma nova vida a velhos edifícios. O processo envolvido na criação de cada obra revela todo o empenho investido tanto pela organização, como pelo(s) artista(s), em respeitar o meio envolvente e articular as imagens propostas com a identidade local e regional. Este respeito permite que os habitantes da cidade se sintam representados pelas obras, ao mesmo tempo que sentem que o seu espaço é cuidado, dignificado e alvo de um novo tipo de interesse que até então desconheciam, mas que passam a acolher sem reservas.

A Covilhã tornou-se já um destino de eleição para os apreciadores de Arte Urbana, o que a inclui num nicho turístico em expansão. De facto, o apreço transversal e crescente pela Arte Urbana tem levado grandes cidades como Londres, Berlim, Nova Iorque e, em Portugal, Lisboa a apostar institucionalmente nesta vertente artística, cientes da existência, a nível global, de um

*target* turístico predisposto a viajar especificamente em função deste objeto de interesse. Existem também, no entanto, exemplos de cidades de menor dimensão, tais como Bristol, Grottaglie ou Stavanger, que têm vindo a tornar-se um “*must go*” para este grupo específico de turistas. Com o WOOL, a Covilhã terá sido posicionada (segundo os organizadores do Festival) entre os 20 primeiros destinos europeus a esta escala, tornando as visitas às instalações uma constante durante todo o ano e não apenas no decorrer do Festival. Tornou-se, por isso, habitual ver moradores a dar indicações aos turistas, explicando-lhes orgulhosamente algumas das instalações.

Os moradores do centro histórico da Covilhã tornaram-se um público involuntário para a Arte Urbana da sua cidade, convivendo diariamente com as obras que, ano após ano, têm visto surgir nas ruas que habitam. Por outro lado, existe um público mais diverso e ativo de jovens e adultos que já tem interesse neste tipo de arte e cultura previamente ao Festival. Este público fiel tem vindo a aumentar de edição para edição. São pessoas que visitam diariamente as intervenções e que participam em todas as atividades programadas durante o evento (principalmente visitas guiadas, palestras, projeção de filmes e exposições), contribuindo para a sua divulgação nas respetivas redes sociais com publicações diárias que vão mostrando a evolução dos trabalhos e transformando-se, assim, em embaixadores do Festival, permitindo envolver uma comunidade mais alargada e sem fronteiras.

## 2.2 Os artistas e as suas obras

### ARM Collective / PT (2011)

Este foi o primeiro projeto do *WOOL* e é da autoria de ARM Collective: RAM (aka Miguel Caeiro, de Sintra) e MAR (Gonçalo Ribeiro, do Seixal). Os murais que estes artistas portugueses realizaram encontram-se junto à igreja de Santa Maria e nele utilizaram técnicas de *freestyle graffiti*.



**Figura 10** - Mural de ARM Collective  
(Fonte: Google)

### VHILS (aka Alexandre Farto) / PT (2011)

VHILS utiliza um método criativo muito específico para esculpir na parede, criando imagens que se podem observar com total clareza à distância. Infelizmente, hoje em dia esta obra já está muito degradada, mesmo irreconhecível.



**Figura 11** - Rosto humano  
(Fonte: Google)

**BTOY (aka Andrea Michaelsson) / ES (2011)**

Esta artista espanhola, de Barcelona, inspira-se em fotografias antigas, contando já com uma vasta criação na cidade da Covilhã. A mais conhecida é o retrato do pastor no Largo da Nossa Senhora do Rosário.



**Figura 12** - Retrato do pastor  
(Fonte: Google)

**Inside Out Project / FR (2011)**

Este projeto consistiu na criação de quarenta e quatro cartazes de quarenta e quatro pessoas que, de alguma forma, tiveram contacto com a indústria dos lanifícios da Covilhã. O *Inside Out Project* tem como objetivo dar a conhecer a história de vida de pessoas que estiveram ligadas aos lanifícios na cidade e na região. O Woolfest quis colecionar algumas memórias do passado recente da cidade, que parece ter sido um pouco esquecido, valorizando-o através desta intervenção.



**Figura 13** - Homenagem aos ex-trabalhadores dos lanifícios  
(Fonte: Google)

### **KRAM / ES (2012)**

O artista espanhol KRAM inspirou-se numa lenda da Covilhã sobre um temível monstro que aterrorizava a população quando o dia dava lugar à noite. Esta obra está disponível junto à Igreja de Santa Maria.



**Figura 14** - Obra de KRAM sobre o temível monstro da Covilhã  
(Fonte: Google)

### **Add Fuel / PT (2014)**

Add Fuel é o grande artista da reinterpretação dos azulejos de Portugal. Criou um mural na parte de trás do edifício do Município da Covilhã, a que deu o nome de “*Oddments*”. Esta obra representa os padrões que eram utilizados na produção dos tecidos locais.



**Figura 15** - “*Oddments*”  
(Fonte: Google)

### **Bordalo II / PT (2014)**

Bordalo II foi considerado dos melhores artistas urbanos do mundo pela Street Art News. Faz do lixo uma obra de arte e é essa a sua imagem de marca. Marca essa que deixou também na Covilhã, com a elaboração da obra intitulada “*Olhos de Coruja*”, que tem uma localização estratégica no centro histórico da Covilhã, numa zona que, na altura, estava particularmente esquecida. A coruja é o símbolo da sabedoria e tem como objetivo lutar contra a desertificação, valorizando os recursos humanos.



**Figura 16** - Olhos de coruja  
(Fonte: Google)

### **Mr. Dheo / PT (2014)**

Mr. Dheo é um artista português e autodidata que começou a sua carreira com apenas quinze anos, sendo que o seu verdadeiro palco é a rua. Na Covilhã fez o retrato de uma jovem bordando uma solução para a grave crise económica que se atravessava naquela época (2011).



**Figura 17** - Portugal pelas costuras  
(Fonte: Google)

### Tamara Alves / PT (2014)

Tamara Alves é uma artista portuguesa e realizou a obra “Órfão Selvagem”, que retrata uma mulher a bordar o seu próprio vestido em renda de bilros. Com esta obra, a artista pretende também homenagear esta arte que está em declínio.

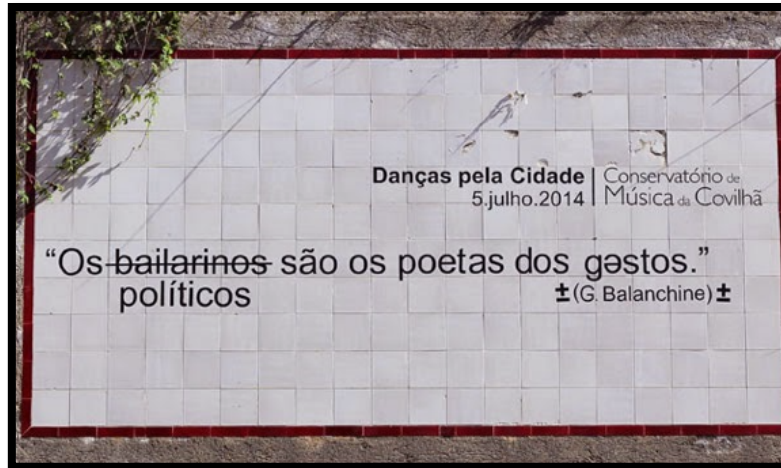


Figura 18 - Órfão Selvagem  
(Fonte: Google)

### ±MaisMenos± / PT (2014)

±MaisMenos± é o pseudónimo do português Miguel Janeiro, autor de inúmeras intervenções ao ar livre na Covilhã, com mensagens que referenciam a atualidade nacional. O artista usa as mais diversas formas, suportes e linguagens para estimular o pensamento crítico do público, por vezes de uma forma mais observadora, outras vezes mais provocadora. Combina diferentes ações de *street art*, *graffiti*, performance, objetos artísticos, etc.





**Figura 19** - Conjunto de fotografias das obras realizadas por ±MaisMenos±  
(Fonte: Google)

### **Pantónio / PT (2015)**

Pantónio assistiu a uma curta-metragem sobre a decadência da indústria têxtil na Covilhã, sentindo-se então atraído pela possibilidade de deixar a sua marca na cidade. Uma vez que é inspirado pelo cinema e pelo som dos andorinhões (aves típicas desta localidade), desenhou um mural na mítica Rua Direita, criando um dos painéis mais emblemáticos que o Roteiro de Arte Urbana inclui até hoje.



**Figura 20** - Andorinhões da Covilhã  
(Fonte: Google)

### **Samina / PT (2015)**

Samina quis homenagear um homem que é também um verdadeiro símbolo da cidade e da sua história, o senhor Viseu. Quando se realizou a obra, o Sr. Viseu não tinha conhecimento da homenagem que lhe estavam a fazer na rua onde vive. Ao aperceber-se de que era ele que estava ali retratado, ficou encantado com a instalação.



**Figura 21** - Sr. Viseu  
(Fonte: Google)

### **Gijs Vanhee / BE (2016)**

Este artista belga prestou homenagem a um grande escritor e poeta covilhanense, Ernesto Melo e Castro. Retratou um pastor da Serra da Estrela, em azulejo, junto à igreja de Santa Maria, com o objetivo de relembrar os pastores e a sua tradição.



**Figura 22** - O pastor de Gijs Vanhee  
(Fonte: Google)

### **Regg Salgado / PT (2017)**

Regg Salgado é um artista português e, na Covilhã, criou o mural denominado “*Fio Condutor*” no miradouro das Portas do Sol. Esta obra de arte foi elaborada durante um encontro nacional de estudantes de Design Industrial da Universidade da Beira Interior.



**Figura 23** - Fio Condutor  
(Fonte: Google)

### **Bosoletti / AR (2017)**

Bosoletti é argentino e tem um estilo muito clássico, com uma expressão artística comprometida com a realidade. As suas obras baseiam-se em tons terra que dominam a sombra e a luz.

Na Covilhã, Bosoletti criou uma obra em 2017 que é um elogio à beleza da mulher. É uma obra bastante dicotómica, pois pode ser vista a positivo e fotografada a negativo. A mensagem que pretende passar é que, perante a observação sempre muito negativa que temos perante a nossa sociedade, o artista quer que olhemos um pouco mais além, com mais atenção, sendo esta a única forma de perceber o positivo e a beleza que nele existe.



**Figura 24** - “Arrebatamento”, situado na Rua dos Bombeiros (junto à Residencial Panorama)  
(Fonte: Google)

### **Doa Ao / ES (2017)**

A artista espanhola Doa Oa inspirou-se nas plantas utilizadas tradicionalmente para pintar os tecidos da Real Fábrica dos Panos da Covilhã. A obra enquadra-se na temática do trabalho, ligando-se simultaneamente à floresta e à natureza. No rodapé da obra está o nome da planta ilustrada, pois traz uma nova forma de consciencialização para as diferentes espécies e para a sua utilidade.



**Figura 25** - “Indigofera tinctoria mais rubia tinctorium”, localizado no Largo da Sr<sup>a</sup> do Rosário  
(Fonte: Google)

### HalfStudio / PT (2017)

Os HalfStudio são portugueses e têm ficado conhecidos pelas mensagens que deixam pelas cidades por onde passam. São especialistas em *lettering* e, na Covilhã, elaboraram um mural colorido com frases alusivas ao fado “Covilhã, Cidade Neve”, da icónica Amália Rodrigues. Este fado é sobre a cidade da Covilhã, as suas tradições e costumes.



**Figura 26** - “Cidade Flor” + “Em ti mora o meu amor” + “Amor”,  
junto as Escadinhas do Castelo (Centro de diagnóstico)  
(Fonte: Google)

### Third / PT (2017)

Third representa estruturas tridimensionais e biónicas, com um cunho realista. Na Covilhã apaixonou-se pelos teares e máquinas ligadas aos lanifícios. A obra que deixou é uma homenagem a todas essas máquinas que alimentavam a indústria têxtil da cidade.



**Figura 27** – Coração  
(Fonte: Google)

### **Pastel / AR (2018)**

Para o artista, o seu trabalho de rua é como uma acupuntura urbana, pois as cidades estão cheias de “*não-lugares*” devido ao seu planeamento irregular e não inclusivo. Trabalha com elementos simbólicos, tais como setas e a flora presente no sítio onde se encontra.



**Figura 28** - Obra de Pastel  
(Fonte: Google)

### **Roc Blackblock / ES (2018)**

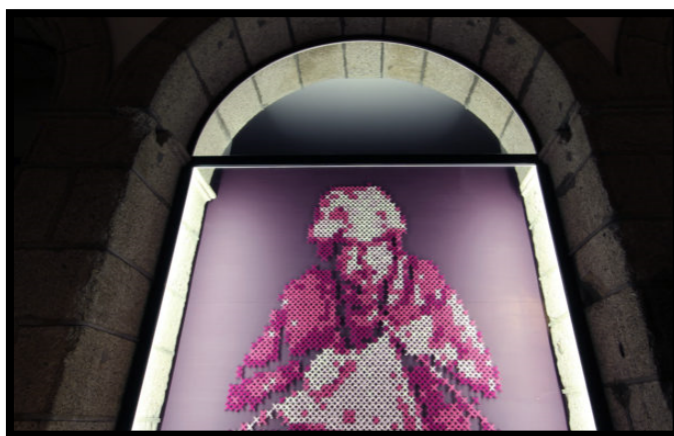
Roc Blackblock é um artista espanhol que começou a *graffitar* em 1999. Desde aí, deu início ao desenvolvimento da sua técnica, utilizando o *stencil*, com o qual trabalha em exclusividade. É também um membro ativo de movimentos sociais que utilizam a Arte Urbana como forma de participação e divulgação de mensagens sobre a globalização, a política, o racismo e outros temas relacionados com a pátria. Na Covilhã, concebeu uma peça de homenagem aos bombeiros em memória dos trágicos incêndios de Pedrógão Grande. Concebeu uma obra tão realista que a fotografia quase ganhou vida.



**Figura 29** - Obra em homenagem ao trabalho dos bombeiros nos incêndios de Pedrogão Grande em 2017  
(Fonte: Google)

### **Aheneah / PT (2018)**

Aheneah ou Ana Martins tem apenas 23 anos, é natural de Vila Franca de Xira e o seu último trabalho baseia-se na nostalgia típica os portugueses. Todas as obras que faz têm uma história ligada à infância, sendo baseadas no ponto cruz, devido à influência da mãe e das avós, que toda a vida tricotaram e costuraram. Na Covilhã, quis homenagear a bisavó Narcisa, que não só tricotou o seu primeiro casaco rosa, como também a ensinou a tricotar a primeira peça. A obra pode ser vista na Casa dos Magistrados.



**Figura 30** - Matriz  
(Fonte:<https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/a-portuguesa-que-transformou-um-mural-da-sua-infancia-em-arte-de-tricot>)

### **Frederico Draw / PT (2018)**

Frederico Draw utiliza as latas de *spray* como se fossem lápis, criando retratos de personagens desconhecidas. O que o caracteriza é o olhar de cada obra, pois dá um grande destaque aos olhos. É membro do coletivo RUA (2011) e diretor artístico da PUTRICA (Propostas Urbanas Temporárias de Reabilitações e Intervenção Cultural e Artística), um projeto que tem a Arte Urbana como recurso para reabilitar os espaços urbanos, tornando-os sítios com valor cultural e artístico.



**Figura 31** - Homenagem a Ernesto Melo e Castro (escritor e poeta covilhanense)  
(Fonte: Google)

### **Sebas Velasco / ES (2019)**

Sebastian Velasco é um artista espanhol que tem obras espalhadas por várias cidades europeias. Desenha desde criança, começando a fazer *graffiti* na sua cidade em 2004. As suas “telas” são principalmente as paredes e as mesas, usando materiais como óleo, acrílico, *spray* e lápis.



**Figura 32** - Hoy es el futuro  
(Fonte: Google)

**Douglas Pereira BSF / BR (2019)**

É um artista plástico contemporâneo e ilustrador que vive em Goiânia (Brasil), de onde é natural. Faz parte dos Bicicleta Sem Freio, cuja linguagem visual se caracteriza por cores vibrantes, forma e figuração que resultam em composições complexas nas quais se fundem personagens e elementos orgânicos como fauna e flora endêmica dos lugares que exploram.



**Figura 33** - O Observatório  
(Fonte: Google)

**Kruella d'Enfer / PT (2019)**

Ângela Ferreira nasceu em 1988 na zona de Viseu, é artista visual e ilustradora. Seja em fachadas de edifícios, no papel ou na tela, através de pinceis, marcadores ou *spray*, Kruella d'Enfer dá asas à sua imaginação e transporta para diversos cenários a riqueza do seu imaginário, bem como as personagens e as ideias que nele habitam, partilhando as suas histórias com o público. Nos seus trabalhos é visível a paixão pelo universo fantástico, por mitos e lendas ancestrais, histórias que ganham vida e movimento pelo uso de cores contrastantes e formas geométricas.



**Figura 34** - Vista para a Serra  
(Fonte: Google)

**Mário Belém / PT (2019)**

Natural de Carcavelos, Mário Belém tem 41 anos e foi o autor da intervenção na Escadaria da Fonte das Três Bicas, junto ao jardim público. Foi um desafio para o artista, pois o tema base era a água e, como tinha a fonte pelo meio, teve que dar asas à imaginação, optando por se inspirar nos sonhos.



**Figura 35** - Fonte das três bicas  
(Fonte: Google)

## 2.3 A outra face do WOOL

O Festival WOOL não se centra apenas na realização de pinturas nas paredes e murais. Como previamente referido, é sempre acompanhado de uma programação paralela, cujas atividades incluem concertos, palestras, exposições, workshops de Arte Urbana, entre outras, com o objetivo de promover o contacto entre a população da cidade, os visitantes em geral e os artistas.

### 2011

A primeira edição do WOOL contou com a participação dos Arm Collective (Portugal), Vhils (Portugal) e Btoy (Espanha). Além das suas já míticas intervenções em espaço público, os artistas também se envolveram num conjunto de atividades paralelas, entre as quais workshops e conversas com os cidadãos.



**Figura 36** - Obras de pequena escala de Btoy  
(Fonte: <https://mistakermaker.org/wool-2011>)

### 2014

Em 2014, o WOOL convidou os portugueses Add Fuel, Bordalo II, Mr. Dheo, Tamara Alves e ±MaisMenos± para intervirem no centro histórico da Covilhã. Esta edição diversificou o conjunto de atividades paralelas, propondo visitas guiadas com apresentação de filmes e conversas não só com os artistas, mas também sobre temas relacionados com a Arte Urbana. Foi ainda desenvolvida uma atividade de ação participativa num bairro de habitação social.

Por outro lado, esta edição deu início a uma iniciativa com uma extensão mais prolongada, à qual chamaram WOOL on Residence, no âmbito da qual convidavam os artistas que participavam no Festival a desenvolver peças em pequena escala para, posteriormente, virem a ser expostas durante o evento. Esta exposição circulou de forma itinerante pelo país, permanecendo mais tempo em Lagos, Lisboa e Porto.



**Figura 37** - Obras de pequena escala de ±MaisMenos±  
(Fonte: <https://mistakemaker.org/wool-2014>)

## 2017

Para além da criação de dois murais pelos artistas Samina e Tamara Alves, a edição de 2017 do WOOL voltou a incluir visitas guiadas e conversas com os artistas. O seu programa integrou igualmente a exibição dos documentários *Sky's the Limit*, de Jérôme Thomas, e *Pôr a minha música no ouvido*, de André Santos, bem como a exposição *Wool Meets Roubaix*, resultante da parceria entre o WOOL e o espaço criativo Le Non Lieu, situado em França. O evento terminaria com a realização do projeto LATA 65, que contou com a ajuda de gerações mais idosas para pintarem uma parede.



**Figura 38** - Projeto LATA 65  
(Fonte: <https://mistakemaker.org/wool-2017>)

## 2018

A identidade local e tudo o que possa fazer de um lugar algo único foi novamente o mote com que os organizadores do WOOL desafiaram os quatro artistas convidados para a edição de 2018 a intervir no centro histórico: Pastel (Argentina), Roc Blackblock (Espanha), Aheneah (Portugal) e Draw (Portugal). Paralelamente, organizaram um workshop de ilustração levado a cabo por André da Loba na Escola Secundária Campos Melo, uma exposição e dois concertos, com Filho da Mãe e Senhor Vulcão.



**Figura 39** - Workshop de ilustração na Escola Secundária Campos Melo  
(Fonte: <https://mistakemaker.org/wool-2018>)

## 2019

A 6ª edição oficial do WOOL trouxe à Covilhã os artistas Sebas Velasco, Douglas Pereira, Kruella d'Enfer e Mário Belém. Paralelamente, organizou o workshop de colagem criativa “*Covilhã Recortada*”, orientado por Margarida Girão, e a exposição comunitária de fotografia “*Intemporal – Olhares sobre o WOOL*”, bem como a exibição de um documentário sobre Arte e Ativismo.



**Figura 40** - Colagem criativa com Margarida Girão numa escola  
(Fonte: <https://mistakemaker.org/wool-2019>)



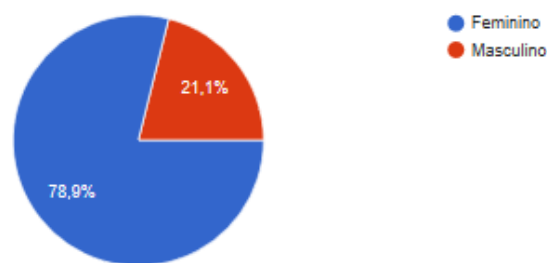
## Capítulo 3.

### Análise de dados e resultados

#### 3.1 Análise dos dados recolhidos mediante a aplicação de Inquérito por Questionário

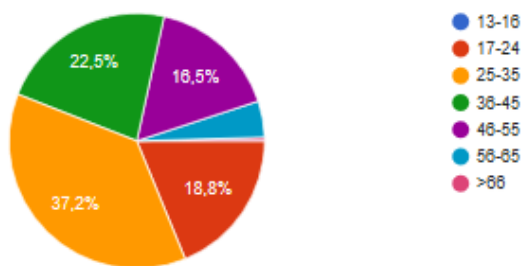
O Inquérito por Questionário elaborado teve como objetivo auscultar a população covilhanense em relação à presença da Arte Urbana na cidade. Encontra-se estruturado em três partes: a primeira procura determinar o perfil dos inquiridos; a segunda pretende dar conta do conhecimento dos mesmos sobre Arte Urbana; e a terceira procura obter informação sobre a sua perceção relativamente ao Festival WOOL e ao modo como este possa ou não ter impacto a nível cultural ou como novo tipo de atração turística.

A amostra do Inquérito por Questionário foi constituída por 218 pessoas. Do total de respondentes, 78,9% identificaram-se como sendo do sexo feminino e 21,1% como sendo do sexo masculino.



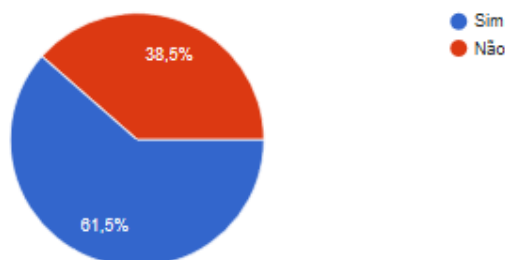
**Gráfico 41** - Distribuição dos inquiridos por género  
(Fonte: Elaboração própria)

No que diz respeito à primeira parte do inquérito, a faixa etária situada entre os 25 e os 35 anos registou 37,2% das respostas obtidas; entre os 36 e os 45 anos, 22,5%; entre os 17 e os 24 anos, 18,8%; entre os 46 e os 55, 16,5%; entre os 56 e os 65 anos, 5%; e abaixo dos 16 anos ou acima dos 66 não foram obtidas respostas por nenhum dos inquiridos.



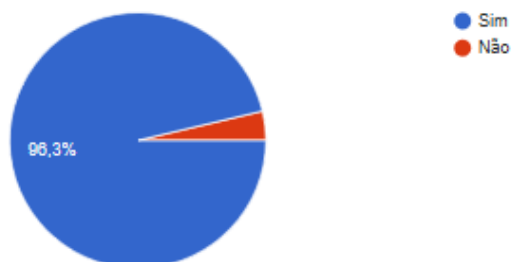
**Gráfico 42** - Distribuição dos inquiridos por faixa etária  
(Fonte: Elaboração própria)

Quanto à distribuição dos inquiridos por zona de residência, 61,5% respondeu viver na Covilhã e os restantes 38,5% confirmaram pertencer ao — e habitar no — concelho.



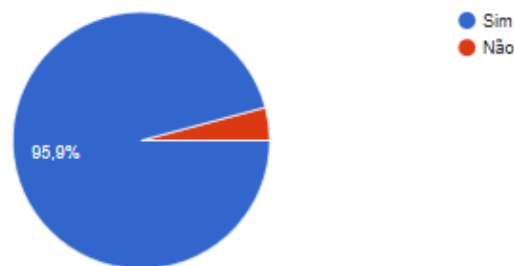
**Gráfico 43** - Distribuição dos inquiridos por zonas de residência  
(Fonte: Elaboração própria)

Passando à segunda parte do inquérito, 96,3% dos inquiridos afirma saber o que é a Arte Urbana, enquanto 3,7% admitem não saber o que é.



**Gráfico 44** - Sabe o que é a arte urbana?  
(Fonte: Elaboração própria)

Ao ser-lhes perguntado se a Arte Urbana tem impacto na cidade da Covilhã, 95,9% dos inquiridos considera que sim e 4,1% responderam que não.

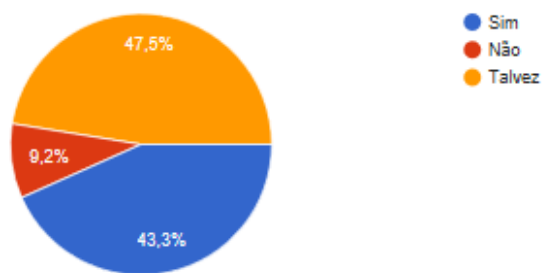


**Gráfico 45** – A Arte Urbana tem impacto na cidade da Covilhã?  
(Fonte: Elaboração própria)

Caso a opção escolhida fosse sim, os inquiridos podiam ser mais específicos nas suas considerações em resposta aberta. Das 191 obtidas, podem destacar-se as seguintes como representativas das indicações e dos comentários gerais:

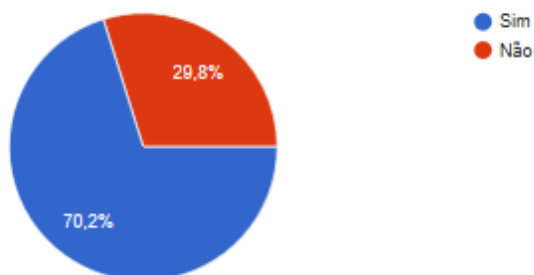
- “Impacto turístico e embelezamento de algumas ruas”;
- “Requalificação das fachadas dos edifícios intervencionados e criação de interesse artístico sobre os mesmos”;
- “Reaproveitamento de materiais e utilização de espaços públicos degradados”;
- “Forma de “pôr” as pessoas a passear pelas ruas da Covilhã e conhecer os seus recantos, o que de outro modo não aconteceria”;
- “Tornar a cidade mais bonita e quebrar os padrões do interior chato das casinhas de pedra e das pessoas sem acesso à cultura. Coloca a Covilhã no mapa das cidades *cool* para visitar”;
- “Embelezamento de fachadas de prédios muitas vezes devolutos. Também é benéfico pelo facto de muitas vezes este tipo de obras terem por inspiração temas relacionados com a cultura da cidade, promovendo assim a tradição e a história locais.”

Quanto à possibilidade de o centro da cidade se ter visto alterado em termos populacionais a partir de 2011, com a criação progressiva das instalações de Arte Urbana, 9,2% dos inquiridos não deteta alterações, 43,3% considera que estas são observáveis e 47,5% parece não ter uma perceção clara sobre as mesmas, tendo respondido “Talvez”.



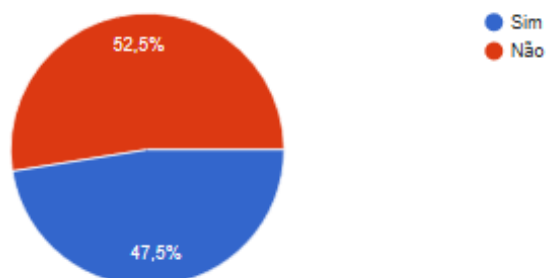
**Gráfico 46** - A população do centro da cidade alterou-se após a introdução progressiva das obras de Arte Urbana a partir de 2011?  
(Fonte: Elaboração própria)

Avançando para a terceira parte do Inquérito, que tem por objeto o Festival de Arte Urbana WOOL, 70,2% dos inquiridos responde que conhece o evento, mas 29,8% revela que não.



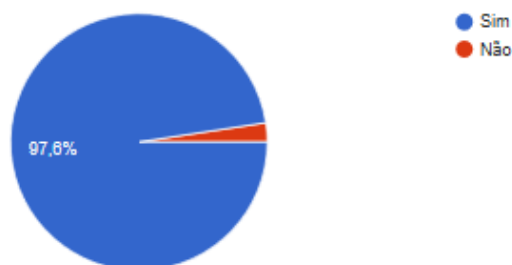
**Gráfico 47** - Conhece o Festival de Arte Urbana WOOL?  
(Fonte: Elaboração própria)

O roteiro de Arte Urbana da Covilhã é uma experiência que 47,5% dos inquiridos já teve, mas que 52,5% não realizou.



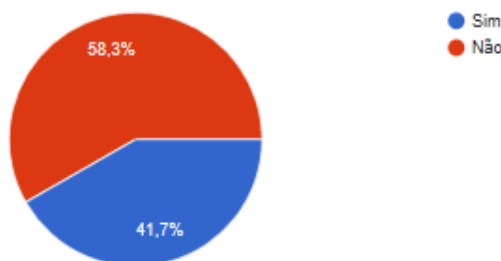
**Gráfico 48** - Alguma vez fez o roteiro de Arte Urbana da Covilhã?  
(Fonte: Elaboração própria)

Questionados sobre a sua opinião relativamente ao facto de a realização deste Festival ter ou não sido uma boa aposta para a cidade, 97,6% dos inquiridos manifestaram o seu acordo com a premissa enunciada e 2,4% responderam que não.



**Gráfico 49** - Considera que a realização deste Festival foi uma boa aposta?  
(Fonte: Elaboração própria)

A questão seguinte obteve muito menos consenso. Perante o desafio de pensarem se a Covilhã está ou não bem desenvolvida a nível cultural, 58,3% dos inquiridos responderam que não, mas 41,7% consideram que sim.



**Gráfico 50** - A Covilhã está bem desenvolvida a nível cultural?  
(Fonte: Elaboração própria)

Tanto aqueles que escolheram “Sim” como aqueles que escolheram “Não” tinham depois, em resposta aberta, a possibilidade de justificar a sua opção.

Selecionam-se em seguida alguns exemplos representativos dos casos em que a resposta foi afirmativa:

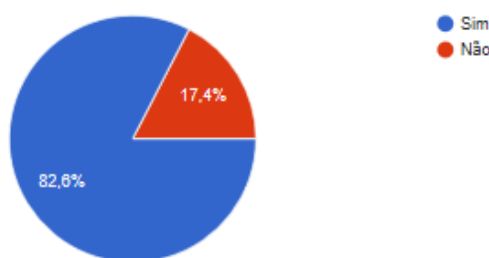
- “Tem vários museus, pontos de interesse, para além da Serra da Estrela”;
- “Tem-se demonstrado abertura para a cultura, apostando-se na inovação e na criação deste novo conceito de arte;”
- “Observamos um maior fluxo de gente”;

- “Existe mais divulgação do que está a acontecer e há cada vez mais eventos diferentes e alusivos a vários temas”;
- “A cidade da Covilhã está bem desenvolvida a nível cultural pois as apostas na Arte Urbana nesta cidade estão a ajudar na sua visibilidade e evolução, tal como ajudam no conhecimento da cultura e do património da mesma”.

Selecionam-se igualmente alguns exemplos representativos dos casos em que a resposta foi negativa:

- “Contam-se pelos dedos de uma mão os eventos realmente diferenciados e distanciados dos chamados eventos pontuais, dando como exemplo a capacidade da cidade do Fundão de todos os terceiros domingos de cada mês conseguir trazer ao Auditório da Moagem artistas de renome nacional na área musical, entre outros.”;
- “Falta uma agenda cultural”;
- “Embora haja uma tentativa de desenvolvimento para o centro da cidade, o crescimento continua a acontecer na zona nova e a população continua a fugir do centro. Falta também divulgação de eventos culturais por parte da Câmara.”;
- “Não temos eventos alusivos à arte. E quando há, as pessoas não aderem por ‘serem uma seca’...”;
- “Não há sequer oferta cultural e a pouca que existe é criada por entidades independentes e muitas vezes sem o apoio da CMC. Quando a CMC faz algo, normalmente é em períodos festivos e nunca há um foco estratégico de atração de pessoas externas à cidade”;
- “Faltam mais iniciativas culturais, com maior diversidade e mais acessíveis (gratuitas ou mais baratas, para incentivar a população a aderir, pois a cultura é tão ou mais importante do que o desporto e não temos iniciativas para que esta faça parte do dia a dia das pessoas).”

Por fim, 82,6% dos inquiridos considera que, atualmente, há mais gente a passear pelo centro da cidade; para 17,4%, esta afirmação não corresponde à realidade observada.



**Gráfico 51** - Há mais gente a passear atualmente pelo centro da cidade?  
(Fonte: Elaboração própria)

A análise das respostas obtidas revela-nos que, em geral, a população da Covilhã sabe o que é a Arte Urbana e reconhece o impacto que esta tem tido e/ou pode ter não apenas na revitalização do centro histórico da cidade, mas também na própria região. Ainda assim, embora convictos de que o Festival de Arte Urbana WOOL é uma mais-valia, mais de metade dos inquiridos não realizou ainda o roteiro de Arte Urbana, o que pode significar que muitos eles não conhecem todas as intervenções artísticas da cidade onde moram.

Apesar do apoio que a Câmara Municipal da Covilhã tem dado ao evento nos últimos anos, o investimento na sua divulgação e na exploração do seu potencial turístico e cultural parece ser ainda insuficiente. Para mais de metade dos inquiridos, o desenvolvimento cultural da cidade parece deixar ainda muito a desejar

## **3.2 Análise das Entrevistas realizadas a representantes do comércio local**

O comércio local seria, à partida, um fator incontornável para um entendimento mais compreensivo do possível impacto que o Festival de Arte Urbana WOOL possa ou não estar a ter na Covilhã desde o seu nascimento, em 2011. São estabelecimentos como cafés, restaurantes ou hotéis que, em grande medida, podem devolver-nos o retrato necessário do tipo de turismo de determinada localidade, identificando as suas oscilações sazonais, a proveniência geográfica dos visitantes que recebem, os objetivos que determinam essa visita e, em geral, o modo como a dinâmica entre oferta e procura pode ou não ser expressiva em relação a determinada aposta turística.

As entrevistas estruturadas realizadas no dia 2 de fevereiro de 2020 tiveram como público alvo proprietários e funcionários dos restaurantes, cafés e hotéis do centro da cidade da Covilhã, sendo eles: o restaurante *Ó Serrano*, o restaurante *Namasté*, o restaurante *Alkimya*, o restaurante *Taberna A Laranjinha*, o café / restaurante *Montiel*, o *Ananda Café*, o café *Centro Cívico*, o café *Estrela Nevada*, o café *Sabores da Mica*, a pastelaria *LeityMell Jardim*, o *@Tapas&WineBar*, o *Bairro Alto Bar*, a loja de comércio *Sabores de Seia*, o *Hotel Solneve*, o *Sport Hotel (Jardim)* e a pensão *Residencial*.

A entrevista consistia apenas em quatro perguntas, começando por questionar se a implementação do Festival de Arte Urbana WOOL causou algum impacto no seu negócio. A grande maioria dos entrevistados respondeu que não, acreditando que os turistas se deslocam à cidade como parte do percurso para a Serra da Estrela, aproveitando para provar a gastronomia local, com particular ênfase no queijo da serra e no presunto. A falta de divulgação antecipada do evento e dos artistas que estarão presentes em cada edição é apontada como problema, dado acontecer quando as obras já estão a ser realizadas ou já se encontram finalizadas.

A segunda questão interligava-se com a primeira, procurando apurar a origem geográfica dos novos clientes, caso tivesse sido considerado que estes existissem. Todos os entrevistados referiram que a maioria dos visitantes que recebem são portugueses, destacando os espanhóis e os brasileiros ao referir turistas de outras nacionalidades. Ainda assim, na maioria dos casos não associam a sua vinda à Arte Urbana.

Após as respostas obtidas nas duas primeiras questões, era já previsível que a maior parte dos entrevistados não considerasse que a Arte Urbana tenha tido influência na procura do seu estabelecimento pelos turistas. Na sua perspetiva, tal como referido anteriormente, estes vêm para conhecer a Serra da Estrela. Ao passear pela cidade, muitos “descobrem” a Arte Urbana,

mas não notam ainda que venham à Covilhã de propósito para conhecer estas intervenções artísticas.

A última pergunta procurava apurar a sua opinião sobre a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços onde as suas obras são, por norma, instaladas. Os entrevistados consideraram unanimemente que esta ligação é positiva, dado permitir intervir em espaços que se encontravam deteriorados, recuperando-os e dando-lhes uma nova vida que, muitas vezes, se reflete na autoestima e no sentimento de pertença e orgulho que a população envelhecida do centro histórico tem vindo a recuperar relativamente ao lugar onde vive.

### **3.3 Análise das Entrevistas realizadas aos fundadores do WOOL e à Vereadora da Cultura da CMC**

#### **3.3.1 Entrevista aos fundadores / organizadores do Festival WOOL**

Realizada no dia 18 de fevereiro de 2020, a entrevista estruturada realizada aos fundadores e organizadores do WOOL - Festival de Arte Urbana da Covilhã foi respondida por Elisabet Carceller em representação dos demais: os irmãos Pedro Seixo Rodrigues, seu marido, e Lara Seixo Rodrigues. O projeto foi criado e tem sido mantido pelos três desde a sua primeira edição, em 2011, não tendo sido possível realizá-lo todos os anos por falta de financiamento, problema que parece ter sido solucionado em 2017, com o apoio da Câmara Municipal da Covilhã, a que se junta um conjunto de patrocínios privados.

Jogando com as palavras inglesas *wool* (lã) e *wall* (parede), o conceito do Festival pretende homenagear o passado fabril da Covilhã, profundamente ligado à herança e à cultura da indústria de lanifícios. O facto de Lara e Pedro serem covilhanenses contribuiu para a escolha desta cidade como palco do projeto que elaboraram e para o modo como o pensaram, pensando no potencial do centro histórico da Covilhã não só para acolher um tipo de arte que, por volta de 2010, já tinha conquistado um novo patamar no panorama artístico mundial, mas também pela possibilidade que este espaço (na altura bastante esquecido e degradado) oferecia para a criação de um roteiro que os visitantes poderiam facilmente percorrer a pé.

Toda a curadoria do WOOL é feita pelos três organizadores, da escolha dos artistas à definição dos sítios a ser intervencionados, passando pela produção, estruturação do programa principal e paralelo de cada edição, divulgação, etc. As temáticas das obras privilegiam aspetos que se articulam com distintas vertentes e dimensões da identidade local e regional, embora noutros casos seja dada liberdade aos artistas para criarem o que querem.

O facto de as intervenções acontecerem no espaço público desperta inevitavelmente o interesse de quem passa, dando a qualquer pessoa a oportunidade de apreciar o processo criativo dos artistas à medida que o mesmo evolui até ao resultado final. É também neste sentido que a Arte Urbana aproxima a arte das pessoas, nomeadamente daquelas que, muitas vezes, não têm por hábito visitar espaços culturais ou relacionar-se com qualquer conteúdo que lhes diga respeito.

É tão curioso quanto compreensível que a perspetiva da organização do evento seja bastante distinta da que vemos expressa nas respostas dadas pelos representantes do comércio local. Para Elisabet Carceller, o WOOL tem sido um incentivo progressivo ao desenvolvimento da economia local, desde logo devido à transformação que operou no centro histórico da cidade, atraindo para o mesmo, em consequência, novos espaços comerciais e de restauração com conceitos diferenciadores. Na sua opinião, atualmente é impossível dissociar a Covilhã da Arte

Urbana e, portanto, do WOOL. As visitas às intervenções são uma constante durante todo o ano, inserindo a cidade num conjunto de destinos de eleição para apreciadores de Arte Urbana, um nicho turístico em expansão à medida que cada vez mais cidades de distintas escalas vão apostando neste tipo de arte para dinamizar não só o seu espaço, mas também a sua economia.

O público especializado que persegue este tipo de turismo chega de diferentes partes do mundo e não estabiliza numa faixa etária fixa ou previsível. São pessoas que cresceram com a arte incutida na própria educação e, enquanto apreciadores, são presentes e ativos, visitando várias vezes as mesmas obras. A divulgação que vai sendo feita nas redes sociais pode estar a contribuir para que estes públicos voluntários de Arte Urbana continuem a aumentar na Covilhã.

### **3.3.2 Entrevista à Vereadora da Cultura da CMC**

A entrevista realizada no dia 14 de fevereiro de 2020 à Dra. Regina Gouveia, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã (CMC), teve como objetivo tentar perceber de que modo esta entidade tem vindo a avaliar a presença da Arte Urbana na cidade e a articular estrategicamente o seu potencial cultural e turístico com o desenvolvimento económico local.

A Vereadora da Cultura começa por insistir na ideia de que, mesmo antes do início do Festival de Arte Urbana, a área mais intervencionada da cidade era já o centro histórico, devido à sua progressiva degradação. Nesse sentido, o Município procura vir promovendo, até hoje, o que considera “o reencontro dos covilhanenses com o coração da cidade”, através de um conjunto alargado de obras e iniciativas — entre as quais reconhece que o WOOL tem desempenhado um papel fundamental.

Na perspetiva de Regina Gouveia, depois da execução de cada obra de arte o retorno é principalmente cultural e turístico, pois cada obra realizada aumenta o acervo de Arte Urbana na localidade, enriquecendo todo o património cultural e dando cor e vida às ruas. A Arte Urbana é das poucas que é capaz de transformar qualquer espaço num museu ao ar livre, podendo atrair turistas de todo o mundo como qualquer outro museu.

Questionada sobre a ligação entre a Arte Urbana e a recuperação de espaços degradados na Covilhã, a Vereadora da Cultura respondeu que esta tem sido um dos pilares da recuperação em curso do centro histórico, aliando-se a outras intervenções que estão igualmente a decorrer, como é o caso das obras no Teatro Municipal e no Museu da Cidade. Sendo um facto que muitos edifícios degradados já foram recuperados no âmbito do WOOL, Regina Gouveia assume que há cada vez mais investimento por parte da Câmara para a restauração, através da Arte Urbana, de novos espaços ainda por recuperar. Relativamente ao critério de escolha para a intervenção artística, o Município apenas exige respeito pelos objetivos estabelecidos: homenagear o passado glorioso dos lanifícios da Covilhã e as figuras marcantes da sua história. A partir daí, o

WOOL tem total liberdade na definição dos critérios artísticos ou de quaisquer outros associados à criação das obras de arte.

Para a Vereadora da Cultura, a realização do Festival e o legado deixado pelo mesmo têm contribuído inegavelmente para a dinamização do turismo local. Ainda assim, refere que a Covilhã e o seu centro histórico têm muitos outros motivos de interesse, que justificam igualmente o seu elevado número de visitantes.

# Conclusão

## Resultados da Investigação

A realização desta investigação permitiu constatar que, embora a população covilhanense aprecie o espólio de Arte Urbana que, desde 2011, tem vindo a redefinir muitos dos espaços da cidade, em particular do seu centro histórico, ainda assim a maioria dos turistas e visitantes que vêm à Covilhã ou passam por ela a caminho da Serra da Estrela não têm como objetivo conhecer estas obras de arte. De facto, embora exista e tenha expressão a nível mundial, esse é ainda um segmento turístico de nicho — de que a Covilhã vai já beneficiando pouco a pouco, mas não o suficiente para fazer da Arte Urbana uma referência incontornável do turismo cultural da cidade e da região.

Uma forma de contornar o que, de momento, pode ser visto ainda como uma desvantagem seria definir um plano estratégico que permitisse associar diretamente a cultura ao turismo e, conseqüentemente, ao desenvolvimento económico local e regional. Algo tão simples como complementar os objetivos dos visitantes, aliando a experiência turística proporcionada pelo roteiro de Arte Urbana à estadia num dos hotéis da Serra da Estrela e à especificidade da sua respetiva oferta, por exemplo, aciona um conjunto de fatores (a viagem, a alimentação, a descoberta de tudo o que, nessa visita, se revela,...) que, no seu todo, promove inevitavelmente mais do que a soma isolada de duas partes.

Sabemos que, atualmente, as cidades enfrentam diversos desafios em termos de gestão urbanística e criação de equilíbrio entre a construção do novo e a manutenção do existente. Um pouco por toda a parte, nacional e internacionalmente, o bom acolhimento da Arte Urbana por parte não apenas dos habitantes de determinada localidade, mas também das suas várias instituições locais, reflete o facto de, tal como a Arte Pública, a sua preocupação ser regenerar o espaço em que é instalada. Apesar da sua natureza efémera, proliferam programas de incentivo municipal à criação de Arte Urbana, nomeadamente na Covilhã, tendo como objetivo beneficiar com esta parceria, dado o resultado ser a requalificação de múltiplos espaços, a melhoria estética do ambiente urbano e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida para a comunidade.

No entanto, no caso concreto da Covilhã, o modo como esta realidade se interliga com a experiência turística é ainda pobre ou pouco evidente, tanto para a maioria dos representantes do seu comércio local no centro da cidade, como ao nível do próprio roteiro de Arte Urbana já existente e das visitas organizadas no âmbito do mesmo. Essa desconexão com a experiência turística pode ser exemplificada tanto pela ausência de placas informativas com informação sobre cada uma das instalações, como pela inexistência, na cidade, de sinalização que remeta para a localização das distintas obras — o que, apesar do reconhecimento institucional e

comunitário da sua relevância e do atual investimento na continuidade do Festival de Arte Urbana WOOL, parece refletir muito mais a consciência do seu caráter efémero do que da necessidade de as preservar.

## **Considerações Finais**

O turismo cultural remete-nos para um tipo de experiência capaz de envolver distintos e significativos elementos do património histórico e cultural, valorizando e promovendo bens culturais materiais e imateriais. É possível inserir o nicho do turismo de Arte Urbana no âmbito maior do que se considera turismo cultural, sendo favorecido pelo facto de promover uma experiência acessível a qualquer um de forma gratuita.

A presente investigação teve como finalidade analisar o impacto da Arte Urbana, criada no âmbito do Festival WOOL, na cidade da Covilhã e, mais especificamente, no tipo de turismo que esta passou a receber ao longo dos últimos 9 anos, procurando obter esta informação através da aplicação de Inquéritos por Questionário à população residente e da realização de Entrevistas aos fundadores / organizadores do Festival e à Vereadora da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã (CMC). É, no fundo, uma dissertação que, partindo do pressuposto prévio de que a Arte Urbana poderia ter-se transformado, ao longo da última década, num vínculo natural entre cultura e turismo na cidade da Covilhã, procurou informação que pudesse comprovar ou descartar essa hipótese.

Verifica-se que, apesar de o WOOL e as instalações de Arte Urbana serem bem acolhidos pela população em geral e terem passado a beneficiar, a partir de 2017, do apoio contínuo da CMC — o que garante, juntamente com outros patrocínios, não só a sua continuidade, mas também uma periodicidade anual que, sem financiamento, não podia ser assegurada anteriormente —, falta ainda um verdadeiro “despertar” da cidade, das suas várias instituições e do seu comércio para o potencial deste universo em termos de desenvolvimento económico.

Se, no centro histórico, a Arte Urbana tem já atraído algum investimento na criação de um tipo de comércio com características diferenciadas, a maioria dos proprietários de hotéis, restaurantes e cafés da zona central não parece dar-se conta dos possíveis benefícios que poderiam ser retirados da sua relação com a Arte Urbana — mesmo que a um nível tão simples como articulando-se com a CMC numa divulgação estruturada de experiências associadas à mesma.

Conclui-se, apesar de tudo, que o potencial turístico da Arte Urbana na Covilhã continuará a crescer. A integração da cidade no plano estratégico da candidatura regional da Guarda a Capital Europeia da Cultura em 2027 é, por exemplo, um dos fatores que certamente contribuirá não apenas para dinamizar a cidade, mas para estimular as suas instituições a aproveitar o capital cultural local como fonte de inspiração para novas iniciativas. A Arte Urbana será certamente um dos epicentros culturais das dinâmicas coletivas pensadas para a Covilhã.

## **Possibilidades Futuras**

O estudo desta temática tornou bastante evidente a ambiguidade do termo Arte Urbana e a facilidade com que é confundida com *Graffiti* ou *Street Art*. Podendo, a um nível lato, abranger todas as artes de rua, e a um nível mais específico apropriar-se, numa ou noutra obra, das características técnicas e estéticas de algum dos restantes movimentos, a Arte Urbana define, ainda assim, uma prática artística concreta e diferenciada.

Um dos fatores que pode eventualmente contribuir para a perpetuação desta ambiguidade é o facto de, ao contrário do que acontece com o *Graffiti*, a *Street Art* e a Arte Pública, por exemplo, existir ainda hoje pouca bibliografia especificamente dedicada à Arte Urbana e capaz de definir e diferenciar claramente todos estes movimentos artísticos. Nesse sentido, uma possibilidade futura de investigação seria, sem dúvida, contribuir para esta diferenciação, consolidando a Arte Urbana como objeto de estudo também a nível académico.



## Referências Bibliográficas

ABREU, J. G. (2005). *Arte Pública e Lugares de Memória*. Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO. I Série vol. IV, Porto 2005, pp. 215-234.

ABREU, J. G. (2015). *As Origens Históricas da Arte Pública*. Convocarte – Revista de Ciências da Arte. Nº 1, Dezembro 2015, Edição FBAUL-CIEBA (Secção Francisco d’Holanda e Área de Ciências da Arte e do Património), pp. 14-27. e-ISSN (em linha): 2183-6981. Disponível em: [www.convocarte.belasartes.ulisboa.pt](http://www.convocarte.belasartes.ulisboa.pt)

ALMEIDA, S. T. (2008). *Graffiti: Amor ou ódio?*, Revista da Apecv, Porto, v. 50, p.12-18.

BAGNARIOL, P. (Org.), (2004). *Guia Ilustrado de Graffiti e Quadrinhos*, Belo Horizonte: Fapi.

BARRETO, M. (2006). *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*, 17ª ed., São Paulo: Papirus Editora.

BECKER, H. S. (2010). *Mundos da Arte*, Lisboa: Livros Horizonte.

BENJAMIN, W. (1994). “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade”, in *Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura*, Obras escolhidas, Volume I, 2ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense.

BRASSAÏ (2002). *Graffiti*, Paris: Flammarion.

BRIASSOULIS, H. & Straaten, J. (1992). *Tourism and the Environment: Regional, Economic and Policy Issues*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

C.E. (1997). *Tourism and environment*. Serie “Questions and Answers”, nº3 (Council of Europe, Strasbourg).

Convocarte – Revista de Ciências da Arte. Nº 1, Dezembro 2015, Edição FBAUL-CIEBA (Secção Francisco d’Holanda e Área de Ciências da Arte e do Património). e-ISSN (em linha): 2183-6981. Disponível em: [www.convocarte.belasartes.ulisboa.pt](http://www.convocarte.belasartes.ulisboa.pt)

CURADO, H. C. (1996). “Cultural Tourism in Europe”, Capítulo 14, in G. Richards (Ed.), *Cultural Tourism in Europe*, Waligford: ATLAS, pp 249-265.

- GIL, A. C. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo: Atlas.
- GITAHY, C. (1999). *O que é graffiti*, São Paulo: Brasiliense.
- GONÇALVES, A. R. (2008). *As comunidades criativas, o turismo e a cultura*, Dos Algarves, n. 17, p. 11-17.
- GOMBRICH, E. (1999). *A História da Arte*, 16<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: LTC.
- HARO et al. (2018). “Construção de instrumentos de recolha de dados”, in HARO et al. (Eds), *Investigação em ciências sociais*. Lisboa: Factor.
- KANT, I. (1995). *Crítica da faculdade do juízo*, Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MARCONI, M. & LAKATOS, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*, São Paulo: Atlas.
- MARTIN, B., & Hanington, B. (2012). *Universal Methods of Design*, EUA: Rockport Publishers.
- MOURA, C. G. (2018). “Do muro como limite, símbolo e lugar de expressão. A Arte Urbana e os seus Contextos”, in MAGALHÃES, G. e SIDONCHA, U. (Org.). *Cultura(s). Definições, Desafios, Percursos*, Universidade da Beira Interior, Covilhã: Livros LabCom.IFP, Coleção Ars.
- PALLAMIN, V. M. (2000). *Arte Urbana: Obras de caráter temporário e permanente*, 1<sup>a</sup> ed., São Paulo: Annablume Editora.
- PALMA, J. B. (1991). *O papel do turismo cultural no quadro do desenvolvimento turístico*, Angra do Heroísmo, Comunicações do II Encontro, Turismo e Cultura.
- WÖLFFLIN, H. (1979). *Conceitos fundamentais da história de arte: o problema da evolução dos estilos na arte*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Lda.

## **WEBSITES VISITADOS**

Arte Urbana em Portugal. Consultado a 11 de novembro de 2018. Disponível em <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/arte-urbana-em-portugal>

Rota de Arte Urbana. Consultado a 12 de novembro de 2018. Disponível em <http://www.visitcovilha.com/rota-arte-urbana/>

WOOL - Festival de Arte Urbana da Covilhã (em linha). Consultado a 11/09/2019. Disponível em: <http://www.woolfest.org>

CAMPOS, R. (2017). “O contexto da arte urbana emergente”. in *Seara Nova*, Cultura: n<sup>o</sup>1741, Inverno 2017/18. (Consultado a 22/04/2018) Em linha. Disponível em: [www.searanova.publ.pt/pt/1741/cultura/762/O-contexto-da-arte-urbana-emergente.htm](http://www.searanova.publ.pt/pt/1741/cultura/762/O-contexto-da-arte-urbana-emergente.htm)



# **Anexos**



## **Entrevista aos fundadores / organizadores do WOOL**

Respondida por Elisabet Carceller (em representação dos organizadores)

18 de fevereiro de 2020

### **O que motivou a criação do Festival WOOL?**

O WOOL é um projecto fundado e organizado por três pessoas (Pedro Seixo Rodrigues, Lara Seixo Rodrigues e Elisabet Carceller). O Pedro e a Lara são da Covilhã. Na altura vivíamos todos em Lisboa. A motivação principal que nos uniu na criação do WOOL foi aliar duas paixões: a Arte Urbana e a cidade da Covilhã. O Pedro e a Lara são arquitectos de formação. Eu (Elisabet) sou historiadora de arte e museógrafa. Cada um continuou com os seus projectos prévios e outros novos que foram surgindo, de maneira independente. Mas continuamos a trabalhar em conjunto no WOOL.

### **Há quanto tempo existe o projeto?**

A primeira edição foi em 2011 e a edição de 2019 foi a 6ª oficial. Tudo teve início em finais de 2010, quando começámos a pensar neste projeto. A Arte Urbana estava a conquistar um novo patamar no panorama artístico mundial. Em Portugal, apenas existiam atividades no litoral, principalmente em Lisboa. Nós acreditávamos nas potencialidades da Covilhã para acolher Arte Urbana, muito devido à configuração do seu centro histórico, que proporcionava “telas” adequadas a este tipo de manifestação artística. Entretanto, surgiram os apoios pontuais da DGArtes, apresentámos uma candidatura, com o projeto todo bem estruturado, e conseguimos financiamento para a primeira edição.

Não conseguimos ter uma edição anual, como pretendíamos, porque sempre dependemos de financiamento e não foi fácil consegui-lo. Desde 2017, o WOOL tem como financiador principal a Câmara Municipal da Covilhã e diversos patrocinadores privados que o tornam possível.

### **Porquê na Covilhã?**

Como referimos, a Covilhã é a cidade de dois dos fundadores, víamos potencialidades na possibilidade de criar um festival no centro histórico que se transformasse num roteiro de Arte Urbana que pudesse ser percorrido facilmente à pé pelos visitantes. O centro histórico estava algo esquecido e foi uma maneira de trazer novas pessoas, de revitalizar alguns dos seus recantos e de fortalecer o sentimento de pertença de quem cá vive.

Já agora, o nome escolhido para o Festival é um jogo de palavras entre WOOL (“lã” em inglês) e o seu (quase) homófono WALL (“parede” em inglês). Com a escolha do nome WOOL, pretendemos homenagear e valorizar o passado da Covilhã (a antiga “Manchester Portuguesa”), tão intimamente ligado à transformação desta matéria-prima que é a lã, nas suas inúmeras fábricas de lanifícios. Em simultâneo, fazemos uma referência dissimulada às paredes (*walls*), que se assumem como suporte primordial para intervenções de arte urbana.

Todas as intervenções que os artistas fazem são *site-specific*, ou seja, são pensadas e inspiradas na Covilhã.

### **Como escolhem o artista, o espaço e a obra a ser realizada?**

Os três realizamos a curadoria, que passa pela escolha dos artistas e a definição da programação paralela. Também tratamos de toda a produção, logística e divulgação. A escolha do artista e da parede onde vai intervir estão muito ligadas. Nem todas as paredes servem a todos os artistas, depende da estética de cada um. O espaço também marca, por vezes, a temática. O exemplo mais evidente foi a intervenção do Roc Blackblock na torre dos bombeiros voluntários. Para este mural a temática estava acordada desde o início, pois pretendíamos prestar uma homenagem aos bombeiros. Noutros, os artistas tem liberdade de escolher o tema.

### **Quais os apoios que têm?**

Como referimos, desde 2017 o *WOOL* tem como financiador principal a Câmara Municipal da Covilhã. Desde a primeira edição temos o patrocínio das *Tintas CIN*. E fomos angariando novos patrocinadores à medida que o Festival ganhava dimensão. Por exemplo, o *Hotel Pura Lã* ou os restaurantes *Ó Serrano*, *Taberna Laranjinha* e *Casa das Muralhas*, entre outros, tem-nos apoiado nas últimas edições. Sem todos os apoios que temos seria impossível realizar o Festival.

### **De que modo a Arte Urbana se tem interligado com a recuperação de vários espaços da cidade que se encontravam deteriorados?**

As intervenções de Arte Urbana têm consequências, que já foram estudadas e provadas, na requalificação do espaço público, e mais profundamente, impactos positivos na vida da comunidade local. O facto de as intervenções serem no espaço público desperta imediatamente o interesse das pessoas, dando-lhes a oportunidade de apreciar o processo criativo dos artistas ao vivo, quando normalmente (nos museus e galerias) apenas existe a possibilidade de ver o resultado final. Quando se fala de Arte Urbana fala-se de democratização da cultura, por aproximar a arte de pessoas que, por diversos motivos, não costumam visitar espaços culturais. Na Covilhã, o centro histórico sofreu diversas transformações desde o início do *WOOL*. Começou a ser falado e valorizado, abriram novos espaços comerciais e de restauração com conceitos diferenciadores, foi alvo de intervenções de requalificação de edifícios por parte de privados. Penso que os murais do *WOOL* ajudaram, em parte, a potenciar este tipo de alterações positivas.

### **Qual o critério de escolha, quer por parte do Município, quer por parte do WOOL, para a intervenção artística? De que modo são pensadas essas intervenções?**

A curadoria depende apenas da equipa responsável pelo *WOOL*. A Câmara Municipal dá-nos liberdade de escolha dos artistas e temáticas.

### **De que forma o WOOL dinamiza e promove a cultura e o turismo na Covilhã? O Festival WOOL e o projeto “A Tentadora” atraíram turistas para a cidade e para a sua empresa?**

Penso que podemos afirmar que a Covilhã é já um destino de eleição para os apreciadores de Arte Urbana, um nicho turístico em expansão. A aceitação e o gosto pela Arte Urbana são cada

vez mais transversais. Grandes cidades como Londres, Berlim ou Nova York têm apostado, institucionalmente, nesta vertente, cientes da existência de um target turístico, a nível global, que (per)segue esta arte. Lisboa é a cidade nacional que mais tem vindo a trabalhar nesta linha. Mas também existem exemplos de cidades mais pequenas (Bristol, Grottaglie ou Stavanger) que são um “must go” para este grupo específico de turistas. Pensamos que a Covilhã está posicionada entre as 20 primeiras ao nível europeu. As visitas às intervenções são uma constante durante todo o ano, não apenas no momento do Festival, o que contribui para melhorar aspectos económicos e sociais. Também é habitual ver moradores a dar indicações aos turistas e a explicarem-lhes, orgulhosamente, as peças. Actualmente, é difícil dissociar a Covilhã das intervenções artísticas que o WOOL tem trazido. Integram o roteiro turístico da cidade e aparecem em destaque na divulgação que é feita de mesma.

**Considera que o WOOL é uma mais valia para a cidade da Covilhã? Quais foram os principais objetivos para a implementação do projeto na Covilhã?**

Desde uma perspectiva de cidadania, vejo a Arte Urbana como uma ferramenta para a valorização do espaço público, para a democratização do acesso à arte e à cultura e para a promoção do convívio entre moradores e, conseqüentemente, para a melhoria da coesão social. Estes foram os principais objetivos, juntamente com a vontade de criar um roteiro que permitisse visitar as intervenções com deslocações curtas a pé. Numa hora consegue-se percorrer todo o roteiro.

**O Festival teve uma boa receptividade por parte dos moradores da cidade?**

Temos tido muita boa aceitação por parte dos moradores do centro histórico, que é o local onde se realizam a maior parte das intervenções. Este grupo, que, à partida, poderia parecer que não tem interesse neste tipo de eventos, pois é formado maioritariamente por uma população idosa, tem recebido e aceite excelentemente as intervenções, convivido e aprendido com os artistas. Isto é muito gratificante pois este projecto não fazia sentido se eles não o valorizassem e apreciassem.

**Qual a faixa etária que procura mais este tipo de arte?**

Temos diferentes públicos, aos quais o projecto chega de diferentes maneiras. Por um lado, os moradores do centro histórico, como já referimos, que são os que convivem diariamente com os murais do WOOL. Por outro lado, existe um público mais diverso de jovens e adultos que já tem interesse na arte e na cultura previamente ao Festival. Estes são muito ativos, visitam diariamente as intervenções e participam ativamente em todas as atividades programadas durante o Festival (principalmente visitas guiadas, palestras, projeção de filmes e exposições). É de destacar que este público fiel tem vindo a aumentar de edição para edição. Finalmente, a divulgação que fazemos nas redes sociais (com publicações diárias que vão mostrando a evolução dos trabalhos) têm sido também uma maneira de envolver uma comunidade mais alargada, sem fronteiras.

Muito obrigada pelo seu contributo! 😊



## **Entrevista à Dra. Regina Gouveia, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã**

14 de fevereiro de 2020

### **Como observa o impacto da intervenção do Festival WOOL na Covilhã?**

A área de intervenção do Festival WOOL foi e é o centro histórico da Covilhã. Esta zona estava algo esquecida e degradada. Por isso, este executivo municipal tem promovido o reencontro dos covilhaneses com o coração da cidade através de um conjunto alargado de obras e iniciativas, nas quais o WOOL tem um papel fundamental.

### **Qual o retorno para a cidade depois de cada obra realizada?**

O retorno é principalmente cultural e turístico. Cada nova obra aumenta o acervo de arte urbana da cidade e enriquece o património cultural, dando cor e vida às nossas ruas. Este conjunto de obras de Arte Urbana transforma o centro da Covilhã num verdadeiro museu ao ar livre que atrai turistas de todo o mundo.

### **De que modo a Arte Urbana se tem interligado com a recuperação de vários espaços da cidade que se encontravam deteriorados?**

A Arte Urbana tem sido um dos pilares da recuperação em curso do centro histórico da Covilhã. Alia-se a intervenções como as que estão a decorrer atualmente, das quais se destacam as obras de renovação do Teatro Municipal ou as do Museu da cidade.

### **Qual o critério de escolha, quer por parte do Município quer por parte do WOOL, para a intervenção artística? De que modo são pensadas essas intervenções?**

O Município apenas exige respeito pelos objetivos estabelecidos: homenagear o passado glorioso dos lanifícios da Covilhã e as figuras marcantes da nossa história. A partir daqui, é dada total liberdade à organização do festival na definição dos critérios artísticos ou quaisquer outros associados às obras de arte.

### **Quais as zonas/espaços na cidade que necessitavam claramente de ser renovadas/recuperadas?**

Já muito foi feito pela recuperação de edifícios no centro histórico, nos últimos anos. Essa recuperação vai continuar. Há cada vez mais investimento realizado nesta área urbana. A Câmara tem em curso diversas obras nesta zona (centro de inovação cultural, centro de inovação social, centro de apoio ao empreendedorismo).

### **Considera que houve um grande número de aberturas de novos estabelecimentos hoteleiros, restauração ou comércio? E/ou melhoria de infraestruturas, serviços ou equipamentos?**

Já referi algumas das infraestruturas que estão agora em construção. O centro da cidade está a

recuperar relevância e atratividade, o que se comprova pelo crescente sucesso dos estabelecimentos comerciais e de restauração ali localizados. Queremos que abram muitos mais que contribuam para uma oferta com cada vez maior qualidade e dinamismo.

**Nota que existem mais turistas devido a realização deste Festival?**

O Festival WOOL e o conjunto de obras de Arte Urbana de que dotou a Covilhã constituem-se como um dos principais motivos de atração turística. Temos muitos outros motivos de interesse e, por isso, um número cada vez maior de visitantes. O WOOL e a Arte Urbana que embeleza as fachadas dos edifícios da Covilhã são conhecidos em todo o mundo e cada vez mais turistas os querem vir conhecer ao vivo, felizmente.

**Muito obrigada pelo seu contributo! 😊**

## **Entrevistas a representantes do comércio local**

Restaurantes, Cafés / Pastelarias e Hotéis

2 de Fevereiro de 2020

### **Taberna A Laranjinha**

#### **A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

De certa forma sim, embora consideremos que algumas coisas deveriam ainda ser mais trabalhadas, pois a maior parte das pessoas que visitam estes espaços vêm para conhecer a cidade, sobretudo a Serra da Estrela.

#### ***(Se tiver havido um aumento de clientes)* Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

A maior parte são portugueses, espanhóis e brasileiros. Mas também há alguns ingleses.

#### **De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Não teve uma influência significativa, mas notamos que está a aumentar o número de visitantes.

#### **Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É bastante positiva porque dá vida aos lugares mortos, os vizinhos daqui que são pessoas mais idosas estão muito contentes com este tipo de arte e nota-se que têm orgulho quando vem cá alguém de fora, tentam explicar o que significa cada obra.

### **Sport Hotel (Jardim)**

#### **A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Felizmente a população tem vindo a crescer. Não considero que isso esteja diretamente ligado à existência do Festival, as pessoas vêm para conhecer a cidade e a Serra da Estrela também.

#### ***(Se tiver havido um aumento de clientes)* Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

A maioria dos turistas são de nacionalidade portuguesa, sendo que há também muitos brasileiros e espanhóis.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Como referi, não consigo dizer que vêm pela Arte Urbana, mas o feedback que tenho é que depois de conhecerem a cidade dizem que gostam das obras e agora com estas aqui junto ao hotel, parecendo que não dão outro ar ao edifício.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É uma ligação bastante positiva, pois veio trazer uma nova imagem aos edifícios que se estavam a degradar. E parecendo que não a cidade também acaba por ser falada devido à arte.

### **Restaurante Alkimya**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Diretamente é difícil responder, mas talvez haja mais gente no estabelecimento. Não sei se é necessariamente por causa do festival de Arte Urbana.

***(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)***

80% dos turistas são brasileiros e espanhóis. Os outros 20% são portugueses.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Recentemente, acho que não influenciou.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

Acho que é positiva.

### **Ananda Café**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Acho que não.

***(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de***

**outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

Os meus clientes são na maioria brasileiros, portugueses, espanhóis e norte da Europa.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Não noto diferença.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É muito positiva. É das poucas coisas culturais aqui na cidade.

### **Restaurante Montiel**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Não propriamente.

***(Se tiver havido um aumento de clientes)* Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

Estrangeiros, sobretudo espanhóis.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Não sei.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

Há uma grande diferença, uma “lavagem de cara”.

### **Estrela Nevada**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Não sei o que é isso, mas nós temos clientes e turistas.

***(Se tiver havido um aumento de clientes)* Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

60% Covilhã, o resto são turistas mas a maior parte são portugueses e brasileiros.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Os clientes não sabem o que isso é.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

Não sou de cá, não conheço os sítios e tenho o estabelecimento há pouco tempo.

### **Sabores de Seia**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

É algo a que não consigo responder, creio que vêm apenas quando há o Festival WOOL. E depois não vêm de propósito para isso, acabam por vir visitar outras coisas.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

A maior parte são portugueses.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Com arte ou sem arte entram. A Arte Urbana pode não nos ajudar, mas também não nos desajuda.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

Esconde as misérias.

### **Hotel Solneve**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Não. Tem que haver mais divulgação, quais os pintores que vêm, onde vão fazer, etc. e não só depois de a obra estar feita é que divulgam.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

(Não aplicável)

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Em nada. Vêm sobretudo por causa da Serra da Estrela, presunto e queijo. E acabam por ver a Arte Urbana, mas não creio que venham para aqui por causa disso. Associavam a Arte Urbana ao *graffiti* e ao vandalismo.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É positiva, é higiénica, pois tornam os espaços mais limpos e bonitos. Até o serviço da Câmara vem e limpa as bermas das casas / obras.

### **LeityMell do Jardim**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Sim, impulsiona a que as pessoas venham comer e beber, e acabam por ver as obras.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

Espanhóis.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

(Não respondeu)

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

Dá mais beleza ao meio envolvente. É mais agradável ver a Covilhã com obras do que paredes estragadas.

### **Sabores da Mica**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Em termos de visitar sim, mas no estabelecimento não.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

Quem vem, vem para conhecer a Serra e não necessariamente a Arte Urbana.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Em nada.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

No centro urbano deu mais vida, apesar de estar espalhado por outras zonas, mas no centro é que se nota mais a diferença.

### **Bairro Alto Bar**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Nós estamos aqui há pouco tempo, porém vêm-se alguns turistas por aqui.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

Brasileiros, espanhóis.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Como disse, existimos há pouco tempo, não sei como isto funcionava antes do woolfest.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É muito positiva, pois no Brasil já existe muito este tipo de arte e as pessoas valorizam, pois acaba por trazer alegria tanto a quem visita como a quem mora no local das obras de arte.

### **@Tapas&WineBar**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

A Arte Urbana fez de certa forma aumentar o volume de pessoas aqui nesta zona, sim.

***(Se tiver havido um aumento de clientes)* Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

A maior parte são portugueses, mas também há muitos brasileiros. Não sei se vêm para ver este tipo de arte ou se são alunos da UBI.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Nota-se mais movimento.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É muito importante haver esta ligação, pois assim traz gente à cidade, promovendo o turismo e, consequentemente, a economia local.

### **Restaurante Namasté**

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Não.

***(Se tiver havido um aumento de clientes)* Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

*(Não respondeu)*

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

*(Não respondeu)*

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É positiva, embora devesse haver mais divulgação para atrair turistas.

### Café Centro Cívico

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Pouco.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

A maioria dos clientes são portugueses.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Não se nota grande diferença.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É positiva, é sempre algo mais que acrescenta à cidade, embora não atraia muitos clientes.

### Residencial (Jardim Público)

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Nota-se mais na altura do festival do que depois durante o resto do tempo.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

Essencialmente portugueses, brasileiros e espanhóis. Mas também depende do artista, se for brasileiro vêm mais brasileiros, se for espanhol há mais turistas espanhóis.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Aumenta quando há o festival e também muitos usufruem da residencial para conhecer a Serra da Estrela.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É positiva, pois aproveitam paredes degradadas para fazerem algo mais bonito, o que acaba por atrair mais gente ao centro da cidade.

## Ó Serrano

**A Arte Urbana e o Festival WOOL tiveram impacto no número de clientes que costumam receber?**

Sim, nota-se algum crescimento.

**(Se tiver havido um aumento de clientes) Têm conhecimento da proveniência dos clientes - ou seja, são oriundos de que zonas do País? Têm igualmente clientes de outras nacionalidades? (Se sim, quais?)**

São essencialmente portugueses, mas também há muitos espanhóis.

**De que forma é que a Arte Urbana influenciou a procura turística do seu estabelecimento?**

Aproveitam para conhecer a Arte e também a Serra da Estrela. Comerem um queijinho e presunto, tão típicos da nossa zona.

**Como vê a ligação existente entre a Arte Urbana e os espaços que se encontravam deteriorados?**

É positiva, nós também somos patrocinadores do WOOL e acreditamos que é uma boa aposta para a Covilhã, sobretudo para dinamizar e trazer gente para o centro da cidade.